



José Mendes Fonteles Filho
ORGANIZADOR

Maria Andreína dos Santos

Os encantados e seus encantos

narrativas do povo Tremembé de
Almofala sobre os encantados



Instituto
de
Pesquisa
do
Chão



**OS ENCANTADOS E
SEUS ENCANTOS:
NARRATIVAS DO POVO**

TREMEMBÉ

**DE ALMOFALA SOBRE
OS ENCANTADOS**

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor

Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor

Prof. Henry de Holanda Campos

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Pró-Reitora de Administração

Profª. Denise Maria Moreira Chagas Corrêa

Imprensa Universitária

Diretor

Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho
(organizador)

Maria Andreína dos Santos

**OS ENCANTADOS E
SEUS ENCANTOS:
NARRATIVAS DO POVO**

TREMembÉ

**DE ALMOFALA SOBRE
OS ENCANTADOS**



Fortaleza
2014

**Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de
Almofala sobre os encantados**

Copyright © 2014 by José Mendes Fonteles Filho (Org.), Maria Andreína dos Santos

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza - Ceará

Coordenação Editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Textos

Antídio Oliveira

Projeto Gráfico

Sandro Vasconcellos

Diagramação

Mateus Teixeira / Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

S237e

Santos, Maria Andreína dos.

Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados / Maria Andreína dos Santos; Organizador: José Mendes Fonteles Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

140 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-219-5

1. Índios Tremembé - educação - Almofala (Itarema, CE).
2. Índios - educação. I. Título.

CDD 371.829808131

MINHAS HOMENAGENS

À professora e mais nova encantada, exemplo de luta e de encantamento, pelo seu trabalho de construção da educação escolar diferenciada Tremembé: Raimundinha (falecida);



Foto: acervo da autora.

Ao professor guerreiro nosso de muitas lutas e superação, por sua dedicação à causa indígena e educação escolar diferenciada: Dr. Babi Fonteles e a banca examinadora do trabalho acadêmico que originou este livro.



Foto: acervo da autora.

À missionária valente pela luta da nossa formação, que emprestou sua vida por todos esses nove anos, e amorosa de coração: Marly Schiavinni.



Foto: acervo da autora.

Ao professor (e toda sua equipe) que foi tocado pela nossa ideia de um projeto avançado, sem referências e pioneiro, abraçando a causa pela formação do professor indígena Tremembé: Dr. Custodio.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro, em primeiro lugar, aos meus pais, Zé Biinha e Teresa, que foram meus primeiros contadores de histórias, e aos meus filhos Gabriel e Natalina, que são os maiores encantos da minha vida.

Ao povo Tremembé do aldeamento de Almofala e a todos os indígenas do Brasil que travam essa luta sem fim pela sua cultura e pelas suas terras.

A você, leitor, que vai tornar possível o conhecimento e a divulgação deste livro.

AGRADECIMENTOS

O meu sentimento de gratidão está voltado para:

Cada personagem que se dispôs e permitiu a realização desta obra de encanto e encantados do mundo e do povo Tremembé: Assobiador, Menino Vaqueiro, Mãe D'água, Caipora, Botija, Guajara, Lobisomem, Bruxa, Rei Sebastião;

A todos os meus entrevistados e contadores das histórias que tornaram possíveis as narrativas escritas neste trabalho: Geraldo Cabral de Sousa (Geraldo Trajano), 90; Maria Laurindo do Nascimento Sousa (Biinha), 86; Sabino Gonçal Marciano (Sabino), 75; Maria Alves de Sousa (Maria Bela), 71; Maria Francisca Félix (Lucrecia), 69; Luís Manuel do Nascimento (pajé Luiz Caboclo), 61; Luís Antonio Mariano (Luís Tó), 61; Francisco Marques do Nascimento (cacique João Venâncio), 58; José Geraldo dos Santos (Zé Biinha), 57; Rita Matias de Moura Mariano (Rita Tó), 56; Teresa Ferreira de Sousa dos Santos (Teresa Biinha), 56; Raimundo Nascimento Sousa (Pachola), 52; Maria Almerinda Ribeiro Alves, 44; José Getúlio dos Santos, 29; Adelina de Sousa Santos (Dely), 17.



Foto: acervo da autora.



Foto: acervo da autora.

Às jovens talentosas ilustradoras: Adelina de Sousa Santos, Antonia Angelina de Sousa Santos e à desenhista Paulina de Sousa Santos (foto).

A todos os docentes e colaboradores que tornaram possível a aprendizagem dos conhecimentos pelas disciplinas curriculares.

Aos prestadores de serviços (voluntários ou não): secretários, cozinheiras, merendeiras, motoristas, motoboys, comerciantes.

Aos parceiros que, de várias maneiras, contribuíram para a realização deste curso.

Ao PIBID e CAPES por me proporcionarem o recebimento da bolsa.

A todos os colaboradores anônimos que me motivaram e contribuíram para realização deste livro.



Foto: acervo da autora.

Carinhosamente, à minha orientadora, Sonia Malaquias, e o meu orientador, Aluísio Lima, que estiveram sempre de acordo com as minhas ideias e puderam compreender a mensagem dos encantados e pela dedicação de cada um na elaboração e finalização deste trabalho.



Foto: acervo da autora.

Aos meus colegas do MITS pela convivência num ambiente de estudo alegre e feliz e pela oportunidade de melhorar os meus sentimentos de amor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO I - SOBRE MEU ENCANTO PELOS ENCANTADOS.....	23
CAPÍTULO II - OS ENCANTADOS NA CULTURA TREMembÉ.....	27
CAPÍTULO III - O QUE OU QUEM SÃO OS ENCANTADOS.....	31
3.1 Mãe d'Água.....	33
3.2 Assobiador.....	34
3.3 Caipora.....	35
3.4 Botija.....	37
3.5 Menino vaqueiro.....	39
3.6 Guajara.....	40
3.7 Lobisomem.....	42
3.8 Bruxa.....	44
3.9 Rei Sebastião.....	45
CAPÍTULO IV - ONDE HABITAM OS ENCANTADOS	47
CAPÍTULO V - A PRESENÇA DOS ENCANTADOS NA ATUALIDADE	55
CAPÍTULO VI - REFLEXÕES: O QUE APRENDI	57
CAPÍTULO VII - HISTÓRIAS SOBRE ALGUNS LUGARES ENCANTADOS	63

7.1 O encantado da Lagoa da Água Verde.....	63
7.2 Os encantos da Lagoa da Batedeira.....	65
7.3 Encantados da Batateira.....	67
7.4 Uma história de assombração ou visagens.....	69

CAPÍTULO VIII - NARRATIVAS DE TREMEMBÉ QUE

TIVERAM OU TÊM EXPERIÊNCIAS COM OS ENCANTADOS 71

8.1 D. Maria Bela, liderança da comunidade da Praia.....	71
8.2 Dona Rita Tó, liderança de Batedeira II.....	74
8.3 Experiências de cura do Seu Sabino.....	76
8.4 A experiência de cura de D. Lucrécia, liderança de Varjota	79
8.5 Experiência de cura de Adelina, jovem de Mangue Alto.....	81

CAPÍTULO IX - HISTÓRIA E NARRATIVAS SOBRE

OS ENCANTADOS..... 85

9.1 Histórias do Zé Biinha, meu pai e liderança de Mangue Alto, sobre a Mãe D'Água	85
O Siri Encantado.....	86
O segredo da pedra.....	87
9.2 A cobra (Mãe D'Água) que se mudou, contado por Geraldo Trajano, meu avô e liderança de Mangue Alto.....	89
9.3 O Assobiador, contado e vivido por seu Sabino, liderança de Varjota.....	91
9.4 A origem do Assobiador, contada por D. Teresa Ferreira, minha mãe e liderança de Mangue Alto.....	92
9.5 O Assobiador, contado por Zé Biinha.....	94
9.6 O Assobiador, contado por Geraldo Trajano.....	95
9.7 A origem do Caipora, contada por D. Rita Tó.....	96
9.8 O Caipora, contado por Geraldo Trajano.....	97
9.9 Caipora ou Surrupira.....	98
9.10 A Botija, contada por Geraldo Trajano.....	100
9.11 A Botija, contada por Maria Laurindo (D, Biinha) minha avó, liderança de Mangue Alto.....	101
9.12 A Botija do Muricizeiro, contada pelo Sr. Sabino de Varjota.....	103
9.13 O Menino Vaqueiro, contado por Teresa Ferreira.....	104

A origem.....	104
A cabra sumida.....	105
9.14 O porquinho corredor.....	106
9.15 O Guajara, contado por D. Maria Bela.....	108
A surra.....	108
As artimanhas.....	109
9.16 O homem que se assombrou com um Lobisomem e fez seu amigo também se assombrar, recolhida por Getúlio	111
9.17 O Lobisomem, contado por Luís Tó.....	113
O rapaz que queria ver o Lobisomem.....	114
A corrida do Lobisomem.....	115
9.18 O Lobisomem, contado por Seu Sabino, liderança de Varjota	116
9.19 As histórias da Bruxa, contadas por Luis Tó.....	117
A moça que virava bruxa.....	117
O marido da bruxa.....	119
Um namorado corajoso.....	120
9.20 O Rei Sebastião, contado por D. Almerinda, liderança de Mangue Alto.....	122
9.21 Um desencanto que não aconteceu.....	124
Síglas.....	127
Sítios na rede.....	128
Videografia.....	129
Bibliografia.....	131

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, minha evocação aos encantados do povo tremembé de Almofala, como faz o cacique tremembé João Venâncio¹ no Torém² e nos atos de gratidão, alegria, pesar, reconhecimento ou momento especial:

E não tem ri que eu num atrevesse
Não tem camim que nós não ande
Não tem pau que eu não arranque
Não tem pedra que eu num quebre
E nem tem mal que nós não cure
 Viamo lá das cachuera
 Com a força da natureza
Os encantado nos mandou
 Viamo aqui fazer limpeza

¹ Líder maior, escolhido pela comunidade, do povo Tremembé de Almofala – Itarema – Ceará – Brasil.

² Ritual sagrado dos Tremembé de Almofala, com músicas e danças próprias.

Capítulo
I



SOBRE MEU ENCANTO PELOS ENCANTADOS



Foto: acervo da autora.

Desde criança, as histórias sobre os encantados já me encantavam. Na minha infância, não existia televisão em minha comunidade, por isso o que eu mais gostava de fazer era ouvir histórias de trancoso, das vivências antigas. Entretanto,

as que sempre chamavam minha atenção eram as que despertavam um pouco de medo, as histórias de assombração.

Durante o dia, eu ajudava minha mãe nos afazeres domésticos, mas, à noite, antes de dormir, normalmente, meus familiares se reuniam para conversar sobre os assuntos do cotidiano. As histórias de encantados vinham à tona, e cada um dos presentes queria contar um conto nesse sentido. Algumas vezes, minhas irmãs e eu íamos para a casa do Tio Chiquim, um senhor conhecido por Chico Laurindo (irmão da minha avó paterna), que morava numa casinha de palha do lado da minha casa e gostava muito de contar suas histórias de memória. Ele repetia várias histórias, mas, curiosamente, a cada vez que contava, parecia que se lembrava de algo novo e, por isso, continuava sendo interessante. Quando cresci, nunca deixei de lembrar a beleza dessas narrações, embora muita coisa tenha sido esquecida.

Aos 22 anos, quando iniciei minha carreira de docente na E.D.E.F.M. Mangue Alto,³ em algumas das minhas aulas, cheguei a falar e incluir essas histórias nos conteúdos curriculares. Percebi o quanto as histórias chamavam a atenção dos alunos, mexendo assim com a emoção e interesse deles. Percebi, ao mesmo tempo, o quanto essas narrações têm-se distanciado do espaço da nossa oralidade, talvez por conta do acesso aos televisores, que invadiram as nossas casas e não deixam mais espaço para que as pessoas se juntem nas noites, ao redor de uma fogueira no terreiro para trocarem conversas sobre as memórias do passado.

A não ser quando, às vezes, falta energia, mas aí as conversas não são mais de Mãe D'Água, Lobisomem, Assobiador, mas sim sobre as novelas. Foi conversando sobre isso com os alunos, que combinamos e, numa noite, conseguimos juntar um bom número de pais e mães para contarem histórias, pois o nosso objetivo, além de nos deliciarmos ouvindo as belíssimas narrações era transformá-las em um livro. E isso

³ Mangue Alto - localidade de praia situada entre o povoado de Almofala e Torrões, Itarema, Ceará – Brasil.

acabou sendo possível com o meu esforço e o dos alunos, o apoio que tivemos da coordenadora pedagógica da Escola do Mangue Alto, Neide Teles e de duas técnicas da 3ª CREDE Maria do Socorro (Pan) e Marta Leitão. Depois de muito trabalho, organização e pesquisa, em 2004, nosso livro “Histórias que os Tremembé conta” ficou pronto e foi publicado.

No Magistério Indígena Tremembé Superior - MITS, desde que soube que, no final do curso, cada cursista teria que apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, não tive dúvidas: “Quero escrever sobre os nossos Encantados”. E, em nenhum momento, mudei de ideia. Para mim, este livro é como se fosse uma continuação do livro que escrevi com os meus alunos em 2004, só que agora com mais detalhes, porque, além de contar histórias ouvidas e colhidas de lideranças Tremembé, falo sobre a origem de alguns desses encantados, onde podem estar ou por onde passam e da sua importância nos diversos momentos da nossa cultura Tremembé e, mais, qual a função deles como parte do universo e como são representados na natureza. Para mim, o mais importante e a principal função deles é que, além de nos proteger, enriquecem nossa cultura e embelezam a oralidade narrada dos Encantos no mundo Tremembé.

Não é objetivo deste livro, convencer os leitores sobre as verdades e revelações do mundo dos Encantados. Afinal, tudo que eu escrevi não foi ideia minha, mas sim do muito que venho escutando, desde criança, das pessoas mais velhas e mais experientes nesses assuntos, além das minhas aulas desde 2001/04 no MIT e no MITS, 2006/2012, e nos diversos momentos de encontros do movimento indígena⁴ em que participei, tais como assembleias, seminários, encontros e aulas. Nesse sentido, meu objetivo é contar um pouco da nossa cultura, um pouco daquilo que o povo Tremembé sempre acreditou e respeitou. Apresentarei histórias referentes a esses seres sutis do mundo sobrenatural, que fazem parte da nossa

⁴ Lutas manifestas dos povos indígenas pela terra e direitos constitucionais.

cultura há milhares de anos e que juntos compartilham experiências e conhecimentos de proteção com o meio ambiente, convivendo sempre em harmonia com a mãe natureza.

Também pretendo despertar nos leitores algo mais do que a afetividade e a emoção. Pretendo despertar a curiosidade em buscar e descobrir outras histórias que, na minha pesquisa, não foi possível descobrir desse mundo infinito e rico de belezas, mistérios e encantos do povo Tremembé. O texto também será um alerta para os perigos que o abandono desses contos representa em um mundo que está ficando cada vez mais distante da oralidade dos mais velhos, um mundo que despreza os maiores conhecedores de nossas tradições e de nossa cultura, aquilo que nos identifica e nos une, devido às diversas culturas globalizadas que se instalam no nosso meio. Sobre isso, cabe a você, leitor, se interessar e se for possível, também fazer seus registros, deixando essa herança literária para as novas gerações.

Este livro é minha contribuição para a cultura Tremembé e expressa meu desejo de que essas histórias permaneçam encantando nossas vidas. Seja bem-vindo a esse pequeno mundo de registros escritos por essa encantada índia Tremembé. Encantada pelas histórias de seu povo e por ter tido a permissão e a honra de escrever um pouco sobre os Encantados, encantos que a encantam, desde sua infância.

Capítulo II



OS ENCANTADOS NA CULTURA TREMEMBÉ

A história do povo Tremembé vem ocorrendo e se reconstruindo há milhares e milhares de anos (dizem os antigos), muito antes de a colonização portuguesa chegar a nossas terras. Mesmo com a forte influência dos colonizadores, com o passar dos anos, os costumes, as tradições e as crenças têm permanecido na cultura e nas vivências do cotidiano, desde os mais antigos nativos até os dias atuais. No que se refere às crenças, é possível afirmar que o povo Tremembé é formado por pessoas que sempre acreditaram no mundo espiritual: na força da natureza, na influência dos Encantados na vida de cada um de nós.

Muito antes da invasão dos europeus ao nosso território brasileiro, nosso povo já cultuava suas divindades e vivia em perfeita e respeitosa harmonia com os seus territórios, pois acreditavam que as forças naturais eram maiores do que qualquer força humana. Os Tremembé tinham a Lua e o Sol como deuses. A lua influenciava a vida das pessoas de acordo com suas fases.

Até mesmo a medicina tradicional estava ligada diretamente aos Encantados, pois, naquele tempo, não existiam médicos no meio de nosso povo para cuidar de doenças. Por conta disso, os Tremembé depositavam sua confiança nos curandeiros e rezadores, devido aos saberes e experiências

nativos acumulados pelos quais curavam as doenças do aldeamento. É importante dizer que esses saberes eram adquiridos de geração a geração, por meio de sonhos com parentes já falecidos que, muitas vezes, vinham para ajudar o seu povo, e por meio da força e sabedoria frente à própria natureza.

O cacique João Venâncio, ao ensinar sobre como a sabedoria era adquirida e fazendo uma crítica dos dias de hoje, conta que:

Antigamente que as pessoas tinham as matas, faziam os momentos de concentração debaixo das sombras das árvores agradecendo através de suas crenças as divindades pelas graças alcançadas e pela própria natureza e, em muitos desses momentos se adquiria mensagens, sabedorias. Hoje, não se tem muito isso porque não existem mais as matas como antes.



Foto: acervo da autora.

O cacique também está se referindo, no trecho acima, ao enfraquecimento da relação do povo Tremembé com os Encantados. Segundo os Tremembé mais velhos, os Encantados são lideranças que já morreram e que continuam presentes

em espírito no meio do nosso povo para que, em momentos oportunos, possam passar certos ensinamentos espirituais para alguém que tenha merecimento dessa sabedoria. Eles dizem também que os Encantados são pessoas que, no passado, foram encantadas por fadas, não estão mortas e teriam um tipo de energia quente que as diferencia das pessoas comuns e das mortas. Muitos desses Encantados estão presentes em diversos aspectos da vida dos Tremembé e, muitas vezes, atuam em curas, seja na iluminação para a confecção de remédios tradicionais, ou ainda na ajuda ao afastar espíritos que incorporam nas pessoas.

Essas breves linhas podem fazer parecer que todos sabem do que estou falando, ou ainda, conhecem realmente a importância e a história dos Encantados. Entretanto, percebo que existem questões como: o que são, realmente, esses encantados? Onde estiveram no passado e onde estarão hoje? Por que não se fala mais tanto neles hoje como antigamente? Será que esses Encantados têm alguma ligação com as histórias da Mãe D'água, do Assobiador, da Botija, do Caipora, do Guajara, do Lobisomem, da Bruxa e tantos outros que habitam nosso meio, fazendo com que seja importante a realização de um estudo como o que estou apresentando?

A forma encontrada para responder as questões apresentadas segue o relato em primeira pessoa, ou seja, assumo minha condição de escritora narradora que se coloca como testemunha junto àqueles que não têm suas vozes muitas vezes escutadas e apresento publicamente suas palavras. Isso não significa, obviamente, que escreva tudo do meu ponto de vista, muito pelo contrário, o método utilizado para responder essas questões é a história oral, coletada a partir dos relatos e entrevistas com lideranças, anciãs e anciãos, rezadeiras, curandeiras e curandeiros, estudantes, colegas, minha família, caçadores, pescadores, pajé⁵ e cacique, pessoas que têm ou que tiveram contato com o mundo espiritual, mediante

⁵ Índio Tremembé, com dom de cura e outras manifestações esotéricas, cuidador da alma da aldeia.

os Encantados. Mundo espiritual que, de acordo com o pajé Tremembé Luiz Caboclo, é composto de diversas coisas, tais como rezas e curas que muitas pessoas fazem por conhecimentos, merecimentos ou dons (que uma pessoa tem ou recebe ao se comunicar por sonhos ou visão com espíritos).



Foto: acervo da autora.

Capítulo III



O QUE OU QUEM SÃO OS ENCANTADOS

Durante minha infância, quando escutava pessoas conversando e afirmando que os Encantados eram um assunto relacionado diretamente com a macumba, espécie de ritual em que uma pessoa convoca e recebe espíritos que servem para “fazer trabalho de curar”, “causar maldade”, pensavam que era uma “coisa do demônio”. Por conta disso, cresci acreditando que isso era verdade e, portanto, tinha muito medo de saber mais sobre os Encantados. O medo somente foi transformado em curiosidade mais tarde quando me descobri Tremembé⁶ e passei a participar do movimento indígena. No curso de formação dos professores Tremembé MIT e MITS, mais precisamente nas aulas com o pajé Luiz Caboclo e o cacique João Venâncio relacionadas aos conteúdos de medicina tradicional, Torém e espiritualidade.

No decorrer do estudo curricular das disciplinas, relacionadas a esse assunto, muitos esclarecimentos foram feitos a respeito e transformaram meu ponto de vista sobre os Encantados. Uma das principais coisas aprendidas foi saber que os Encantados fazem parte da nossa história desde os nossos antepassados e que muito temos a aprender com eles

⁶ Pessoa que se reconhece e é reconhecida pela comunidade como indígena pertencente à etnia Tremembé, reconhecida pela FUNAI.

e mais a conviver com eles. Aprendi com o cacique João que os Encantados se apresentam de duas formas: Encantados vivos e Encantados mortos. Os Encantados mortos são espíritos de pessoas que já morreram, mas que, de certa forma e em alguns momentos, continuam a transitar em no nosso meio (sendo percebidos principalmente quando sentimos frio e arrepios inesperados e sem razão). Os Encantados vivos, por sua vez, são pessoas que não morreram, mas foram encantadas por fadas ou outros Encantados em algum momento de suas vidas. Estes, quando se aproximam de alguém, passam uma energia quente. Com o pajé Luiz, aprendi que todos nós seríamos Encantados, ou seja, em cada um de nós existiria o dom de encanto, sendo que a questão é como cada um desenvolveria esse dom, ou ainda, nunca desenvolveria esse dom durante sua vida porque tem medo ou desconhece fatos que se referem a esse assunto.

De acordo com as nossas crenças, os Encantados são bem reais, mas, segundo os mais velhos, não é todo mundo ou qualquer pessoa que pode ver ou sentir a presença de um deles, mas, de acordo com muitas histórias vividas, experiências e relatos, todos esses já apareceram de alguma forma para muitas pessoas. Parece até que isso aconteceu ou acontece para provar as suas existências. Por essas provações, eles podem aparecer de diferentes formas e em lugares de acordo com a sua caracterização de poder ou proteção de certo espaço na natureza.

Pelos relatos e histórias, posso escrever sobre os Encantados do povo Tremembé que tive a alegria de conhecer durante este trabalho de pesquisa e revelações.

3.1 Mãe d'água



Imagem: acervo da autora.

Para os Tremembé, os Encantados aparecem com diferentes representações, como Mãe d'água ou Iemanjá.

Segundo Seu Zé Biinha, essa é a mãe e protetora das águas e de todas as espécies ali existentes. Dizem que ela vive. Sempre aparece em ambientes aquáticos: nas lagoas, recebe o nome de Mãe D'água; no mar, chama-se Iemanjá. Seja no mar ou nas lagoas, ela pode aparecer em forma de peixe, cobra ou de moça muito bonita com cabelo longo e preto. A lagoa em que vive uma Mãe D'Água nunca seca, e, se um dia ela vier a secar, a mesma se muda de lá para outro lugar em que possa viver. É como se ela adivinhasse o que está para acontecer. Ela se manifesta, na maioria das vezes, para proteger o lugar onde vive, assustando as pessoas ou até mesmo podendo encantar alguém por quem vier a se interessar.

Seu Zé Biinha também conta que, na sua infância, ouvia muito os pescadores mais experientes comentarem que iam pescar e levavam um rolo de fumo para a Mãe D'Água. Segundo eles, ela gostava muito de fumo e, em agradecimento para quem lhe levava tal coisa, ela sempre retribuía com uma pescaria farta naquele dia.

3.2 Assobiador



Imagem: acervo da autora.

Este Encantado é descrito, geralmente, em forma de um pássaro preto, de rabo longo, olhos bem vermelhos e de um assobio fino, penoso e apavorante para quem o ouve. Daí o nome Assobiador, para quem ele já foi revelado.

Suas aparições ocorrem sempre na escuridão das noites no período do inverno, nos meses de janeiro a junho.

Ele não permite e não gosta de maneira nenhuma de ser imitado. E, quando isso acontece, rapidamente, ele se aproxima de quem o imitou e tenta bater com as suas asas na cara da pessoa. É aí que a pessoa se assombra, porque logo vai perceber que aquele não é um pássaro normal porque não consegue vê-lo direito, nem pegá-lo e chega a ficar tonto com o insistente e demorado ruído fino do seu assobio.

O Assobiador é um Encantado que vive vagando pelo mundo, assim fala quem o conhece. Ele é mais ouvido do que visto, pois se faz ouvir em qualquer lugar como na beira da praia, nas proximidades das lagoas, no lagamar, na mata, nos caminhos desertos ou distantes de casas e nos morros.

3.3 Caipora

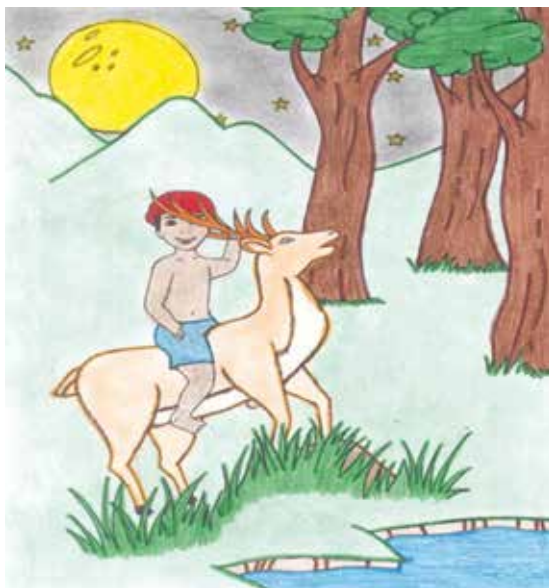


Imagem: acervo da autora.

Este é um ser Encantado bastante interessante. Sua função principal é proteger a mata e todos os animais e caças que lá habitam. Segundo D. Teresa, os mais velhos e conhecedo-

res de suas histórias dizem que ele é um pequeno negrinho e que normalmente aparece montado em um veado. O Caipora gosta muito de fumo e, por isso, sempre agradece aos caçadores que lhe levam tal agrado proporcionando-lhes uma boa e farta caçada naquele dia. Caso contrário, ele se vinga dos caçadores, mostrando suas artimanhas de Encantado e protetor das matas e caças. Um dos seus truques ou brincadeira preferida é assustar ou açoitar os cachorros, e, quando ele faz isso, tais cachorros ficam acuados e não servem mais para caçar naquele dia. Para assustar os cachorros, o Caipora costuma se transformar em raposa e, quando esses correm atrás dela, logo percebem que não se trata de uma raposa normal. Então se desanimam e não saem mais de perto de seu dono. Muitas vezes, ele faz coisa pior, assobia para chamar os cachorros, que, ao chegarem aonde ele está, dá uma surra nos pobres cães que, com o rabo entre as pernas, nem saem mais de perto do seu dono, muito menos caçam naquele dia. E o Caipora, feliz pelo que aprontou, dá boas e longas gargalhadas. Ele maltrata os caçadores, assustando-os e açoitando-os a ponto de irem embora.

D. Maria Bela afirma que ele não gosta de ser chamado de Caipora, mas sim de Surrupira ou Caboco do Mato e, por isso, muitas vezes, ele castiga ou atrasa a vida de quem teima e continua chamando-o de Caipora.

D. Rita Tó relata que o Caipora, além de ser o protetor das matas, é também um Encantado de cura, ou seja, atua muitas vezes nos terreiros da umbanda, em momentos de cura espiritual de pessoas.

3.4 Botija

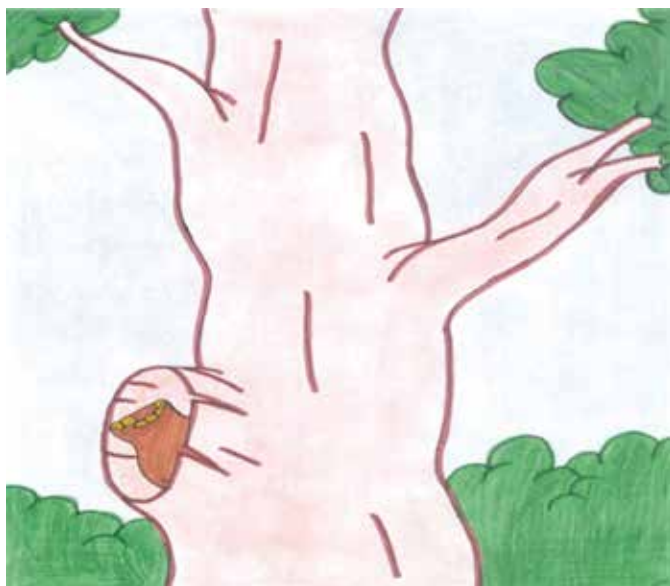


Imagem: acervo da autora.

O Encantado Botija, na verdade, o é pelos rituais praticados pelas pessoas que guardavam o dinheiro. É um “encante”, isto é, o encantamento está no dinheiro, em moeda, que alguém esconde e o faz se encantar. É possível que ele apareça ou desapareça no momento em a Botija é desenterrada. A Botija chega a ser botija por meio do dinheiro que os mais antigos enterravam escondido, sem que ninguém soubesse. As pessoas faziam isto, em primeiro lugar, porque, antigamente, não se usava dinheiro como hoje. Então, as pessoas, quando ganhavam alguma moeda, por não ter com o que e onde gastar, costumavam guardar num potinho ou em outro recipiente qualquer e, junto com as moedas, colocavam pelo de gato ou pena de galinha e enterravam em um lugar secreto. Esse lugar poderia ser dentro da própria casa, num tronco de uma árvore, na mata, enfim, em qualquer lugar de interesse dessa pessoa. Daí, com um tempo, esse dinheiro acabava se en-

cantando (encante). Em segundo lugar, porque acreditavam que aquele que tivesse uma Botija tinha mais chance de se salvar, de ir para o céu na outra vida, assim tivesse a sorte de dar a tal botija para uma pessoa que tivesse coragem de arrancá-la. E os mais velhos, conhecedores dessas histórias, enterravam dinheiro. O problema é que, se essa pessoa não tivesse coragem de desenterrá-la, seria condenada a alma tanto da pessoa que deu a Botija quanto daquela que não teve coragem.

Uma Botija era revelada quando o dono dela falecia, mas acontecia também quando o dono ainda vivia. Essa revelação era sempre mediante os sonhos. A pessoa que dava a riqueza lhe dizia onde estava e o que era preciso fazer ou usar na hora de tirar o dinheiro e a que horas. Essa pessoa sonhava durante duas noites seguidas. Se a pessoa esquecesse e não dissesse nada pra ninguém, na terceira noite, a alma daquele que já havia morrido vinha pessoalmente dar todas as instruções necessárias para se desencantar aquele tesouro.

Não é qualquer pessoa que tem o merecimento de ganhar uma Botija. Pois essa pessoa tem que ser alguém de bom coração e não deve ter ambição em momento nenhum, principalmente na hora que for arrancar o tal dinheiro, porque, se isso acontecer, toda a riqueza se transforma em carvão, formiga ou outra coisa que não vale nada (encante). E se, por acaso, a pessoa conseguir arrancar o tal tesouro, tem que se mudar daquele lugar, pois ali ela não pode mais ficar morando ou então tem que mudar a direção das portas da própria casa, senão essa pessoa corre o risco de morrer ou ficar louca.

Para uma pessoa arrancar uma Botija não é de qualquer jeito ou a qualquer hora, tem o jeito certo e o momento exato. Esse horário, normalmente, ou é às doze horas do dia ou às doze da noite. E tem mais, no momento em que a pessoa está arrancando o dinheiro, costumam aparecer visagens de acordo com alguém, o dono daquele bicho que conhece a história do Menino Vaqueiro e acredita no seu poder, vai lá num canto reservado, acende três velas para ele pedindo que se descubra o paradeiro desse animal. Essa pessoa deixa as velas acesas e não deve mais voltar lá porque, segundo dizem, se a pes-

soa voltar, pode vê-lo sentado perto das velas que lhes foram oferecidas, e assim, a pessoa pode se assombrar porque além de ser um Encantado, aquele momento foi oferecido para ele especialmente.

Sempre no lugar onde tem esse tipo de encanto, costumam aparecer visões, só deixam de aparecer coisas estranhas se um dia alguém tiver coragem de desencantar.

3.5 Menino vaqueiro



Imagem: acervo da autora.

Esse é um ser que se tornou Encantado e respeitado devido a sua história de sofrimento que viveu durante sua infância. Talvez a forma que Deus achou para recompensar o que esse menino sofreu na terra foi encantá-lo, tendo como função ser vaqueiro, que era o que mais gostava de fazer.

Sua história de origem parece com a do Caipora, mas tem diferente função que é de conseguir fazer voltar para o

dono algum animal que se perdeu ou fugiu de casa, ou seja, caso algum animal doméstico desapareça e não tenha sido morto por alguém, o dono daquele bicho que conhece a história do Menino Vaqueiro e acredita no seu poder, vai lá num canto reservado, acende três velas para ele pedindo que se descubra o paradeiro desse animal. Essa pessoa deixa as velas acesas e não deve mais voltar lá porque, segundo dizem, se a pessoa voltar, pode vê-lo sentado perto das velas que lhes foram oferecidas, e assim, a pessoa pode se assombrar porque além de ser um Encantado, aquele momento foi oferecido para ele especialmente.

3.6 Guajara



Imagem: acervo da autora.

Esse também parece muito com o jeito do Caipora, ou seja, pelas histórias já ouvidas, ele também é um pequeno negrinho que gosta de fumo, mas, além disso, é corredor e tem voz grossa. No meio dos Tremembé, tem diversos nomes, pois, além de Guajara, também é conhecido por João do Mangue, Guari e Pajé do Rio. Só pelo nome, já dá para compreender que ele é o protetor dos manguezais. Sua principal função é proteger o mangue e todos os animais desse ambiente. Com esse objetivo, muitas vezes, ele se transforma em um animal qualquer, apenas para cumprir melhor com a sua obrigação, que é cuidar do seu espaço de moradia e das diversas outras vidas que ali habitam.

Caso uma pessoa desconheça seus poderes ou não respeite esse lugar como deve, pode acabar se dando muito mal. O Guajara costuma ser bem malvado com quem ele não aprovar alguma atitude como cortar mangue sem pedir permissão, pescar ou arrancar caranguejo em dias impróprios. Pois ele costuma dar surras nas pessoas que o desrespeitam. Na hora, a pessoa não sente que está apanhando, mas depois pode sentir muita dor de cabeça, dor no corpo, febre e até mesmo ter crise de vômito e diarreia e só melhorará rápido se mandar alguém rezar em si.

É por essas e outras que, na maioria das vezes, o Guajara é considerado um espírito malfazejo, porque ele não tem dó daquele a quem quer ensinar uma das maiores lições de vida, que é cuidar bem da natureza.

3.7 Lobisomem



Imagem: acervo da autora.

Segundo os relatos colhidos, esse é um Encantado assombroso, ou seja, existe para assombrar as pessoas. Diferente da Mãe D'água, do Caipora, do Guajara, que existem para proteger partes da natureza. O Lobisomem é uma pessoa comum que vive no nosso meio, quer dizer, só se encanta quando vira bicho, mas, mesmo assim, costuma ser visto por pessoas que gostam de andar fora de hora, ou seja, altas horas da noite.

A casa do paizim era bem ali, lá onde tem aquela mangueira ali, (acena para o local)... e na casa lá passarro inté umas horas da noite, a rapaziada lá, as moças. Mas lá na hora que o porro... (indica que iam embora)...aí era lubisome por praga. Era, era. O camarada andarra aí

nesses camin bem aí,... tu é doido rapaz, encontrara... parece que esse porro mais réi, uma parte trabaiarro e tudim sabia rirar essas coisa réa.”(SEU SABINO, liderança de Varjota).

Dizem que, em geral, uma pessoa vira Lobisomem quando comete algum pecado carnal, como, por exemplo, um compadre que tem um caso com uma comadre, um pai que se envolve com uma filha, ou simplesmente porque quer, como relata Seu Sabino no seu depoimento acima. Para que isso aconteça, essa pessoa vai à meia-noite para uma encruzilhada, onde tenha rolado algum jumento ou cavalo e lá desconjura dos pais, dos padrinhos, depois rola no mesmo lugar que o tal animal. Depois disso, logo a pessoa sente um negrinho pulando nas suas costas ou então sente um courão cabeludo caindo em cima do seu lombo. A partir daí, a pessoa sai correndo disparado sem controle. Nessa corrida, ele percorre em cada noite sete cidades que têm igreja e tudo isso tem que ser até antes de o galo cantar. Se acontecer de passar desse horário, ou seja, se até o galo cantar três vezes, a pessoa não se desvirar ou se desencantar, ficará transformado em Lobisomem para o resto da sua vida.

Quem já viu um Lobisomem, diz que ele é um bicho cabeludo, preto, muito feio com olhos de fogo, simplesmente horroroso. Suas mãos se transformam em orelhas grandes, ficando assim com os quadris bem altos e os cotovelos são as patas dianteiras. Tem mais ou menos a altura de um cachorro grande ou um jumento novo. Gosta de comer filhotes de cachorro ou gato, tripas de peixe, etc.

É um bicho valente. Na maioria das vezes, quando se encontra com alguém, parte pra cima e sempre tenta acertar a cara da pessoa. Pois dizem que ele faz isso com o objetivo de mijar (urinar) ou vomitar no rosto dela, e, se ele conseguir fazer isso, essa pessoa também passa a virar Lobisomem mesmo que não queira.

Costuma-se dizer que um homem que vira Lobisomem é muito pálido, descuidado e tem os joelhos e os cotovelos pe-

lados ou com leves ferimentos porque são essas partes do seu corpo que servem pra ele correr quando vira bicho. Normalmente, ele se transforma em noites de lua cheia, nas quartas e sextas-feiras.

3.8 Bruxa



Imagem: acervo da autora.

Assim como o Lobisomem, a Bruxa também é um Encantado que apenas assombra. Sendo que o Lobisomem é um homem que se transforma em uma assombração, e a Bruxa é uma mulher e é muito perigosa. Dizem que, para virar bicho, antes do ritual principal, ela deixa sua cabeça escondida ali por perto, depois disso, passa pelo mesmo processo que o Lo-

bisomem. Altas horas da noite, ela vai para uma encruzilhada, desconjura-se de pai e mãe, rola no lugar em que um animal rolou. Em seguida, sai guinchando e correndo em disparada. Por onde ela passa, a cachorrada fica latindo. Isso porque ela vai levando consigo um grande chiqueirador e vai surrando todos os cachorros que encontra. Diz-se que ela é mais perigosa do que o Lobisomem, pois, se, no mesmo caminho, os dois, por acaso, se encontrarem, ele logo se afasta dando espaço para ela passar.

A Bruxa também percorre por noite sete cidades diferentes que tenham igreja e tem que se desencantar antes de o galo cantar três vezes, caso contrário, a pessoa fica transformada em Bruxa para o resto da vida.

Esta Bruxa não tem vassoura nem caldeirão como a que conhecemos dos filmes, desenhos e historinhas infantis como da “Branca de Neve” e outras, mas sim é um Encantado das histórias e crenças do povo Tremembé.

3.9 Rei Sebastião



Imagem: acervo da autora.

O Rei Sebastião é chamado assim porque realmente é um rei, isto é, um cuidador, cuidadoso, um servidor de Deus. Ele se apresenta com uma coroa na cabeça e trajes reais. Ele é o rei das praias. Dizem que a sua principal função é cuidar da costa do mar e, em cada noite, ele percorre sete praias diferentes. Segundo os relatos coletados, ele é um bonito homem que anda sempre montado em um cavalo branco, ambos cobertos de ouro e muito brilho. Os dois andam tão enfeitados de ouro, que, de longe, às vezes, são confundidos com uma tocha de fogo na beira do mar.

O Rei Sebastião já foi visto por antigos pescadores aqui na região de Almofala, e suspeita-se que ele seja o dono da Pedra da Batateira, ou seja, que lá seja o seu lugar encantado, isto porque foi visto seguindo pela estrada iluminada que segue em direção dessa pedra, que também é encantada.

D. Maria Bela afirma que o Rei Sebastião é o dono da Praia Lençóis Maranhenses, no Maranhão. Nessa praia, à noite, costumam-se ouvir batidas de tambor, mas, quando alguém vai lá olhar, não vê nada. Ela diz também que o Rei Sebastião sempre quis acabar com a cidade de São Luís - Maranhão para a capital ser na Praia dos Lençóis. Para um mestre de embarcação encostar um barco lá, ou sair desse porto, tem que pedir licença para o Rei Sebastião, caso contrário, a sua embarcação pode naufragar. D. Maria Bela conta que, uma vez, um barco carregado de farinha quase afundou lá porque seus tripulantes esqueceram-se de pedir permissão para ele. Não aconteceu o pior porque, antes do acidente, um deles lembrou e pediu licença.

Capítulo IV



ONDE HABITAM OS ENCANTADOS

Os Encantados podem estar ou estão em todas as partes, em qualquer lugar e a qualquer momento. No que se refere a espaços físicos, os Encantados mortos podem estar, certamente, nas sombras de grandes árvores, moitas, morros, dunas, nas margens ou em passagens de águas de rios, lagoas, córregos, lagamar, mangue, mar, beira-mar, encruzilhadas, passagens das cercas, taperas das antigas casas e outros. Mas, além desses lugares, eles podem estar em outras dimensões, além da nossa imaginação. No caso dos Encantados vivos, estes, quando se encantaram, são enviados por Deus para nossos sonhos, pensamentos e outros lugares além do espaço físico e até mesmo para outros astros.

Os Encantados, na maioria das vezes, só se aproximam de nós se forem evocados, chamados. Uma das formas de evocação desses espíritos acontece, geralmente, no terreiro, nos trabalhos de ritual da Umbanda, momento em que eles são chamados para realizar uma missão de limpeza espiritual de uma pessoa, quebra de feitiço. Outro momento de forte ligação e encontro entre nós e os Encantados acontece durante o Torém, que é o nosso ritual sagrado e, por isso, ali se concentram forças espirituais. Pois, se ali tiver alguém que não esteja preparado para aquele momento, essa pessoa pode sentir arrepios, ventos diferentes, sensações outras desco-

nhecidas ou até mesmo incorporações. Essas sensações estranhas são provas de que eles estão presentes e se manifestam de alguma forma.

Às vezes, os Encantados residem em lugares fixos, porque, provavelmente, ali tenha sido o seu local de encantamento. Um exemplo disso no nosso aldeamento é a Bata-teira, pedra grande que se encontra dentro do mar, próxima da praia de Torrões. Dizem os antigos moradores, conhecedores dessa região, que a tal pedra é uma cidade encantada. Contam, ainda, que algumas pessoas já viram, no local da pedra, à noite, tudo iluminado como uma linda cidade e que, de lá, saía uma bonita estrada até a praia. Alguns pescadores também já viram, nesse mesmo local, um pescador gigante pescando com a água na metade das canelas, onde os mesmos estavam de jangada por ser um lugar de águas profundas. O dito pescador gigante só pegava tubarão, mas, no local, pelo conhecimento dos pescadores, só existem peixes pequenos. E ainda, no dia em que esse pescador era visto, os outros pescadores não pegavam nenhum peixe.

Na localidade do Mangue Alto, dizem que, por ser um lugar composto por morros, é uma região onde se encontram muitos encantados. Assim como no mar, nas matas, nos astros e em muitas lagoas do nosso aldeamento como na Lagoa da Camboa,⁷ Lagoa Verde,⁸ Lagoa da Batedeira,⁹ entre outras.

⁷ Situada na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.

⁸ Situada na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.

⁹ Situada na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.



Imagem: acervo da autora.

A Lagoa da Água Verde também é conhecida apenas por Lagoa Verde. É uma lagoa que não é muito conhecida e quase não é visitada porque fica dentro de um cercado de pessoas que não se assumem como Tremembé. Ela fica próxima da Lagoa da Oleria¹⁰ entre as comunidades do Panã¹¹ e Mangue Alto.

Já ouvi muitos relatos dos mais velhos dizerem que lá tem uma Mãe D'água, porque ela nunca secou e porque pescadores e lavadeiras contavam ter visto uma mulher desconheci-

¹⁰ Situada (vizinha à Lagoa Verde) na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.

¹¹ Comunidade Tremembé situada na área de demarcação em Itarema, Ceará – Brasil.

da e muito bonita que mergulhava e sumia nas suas águas. As suas margens são tomadas por uma vegetação conhecida por tabuba, mas dizem que, no meio dela, tem um tremedal onde essa região é de água bem limpa e lá tem uma pedra que pode ser onde está o encanto dela. Lá, mesmo tendo muito peixes, dificilmente alguém pesca nela porque é muito difícil pegá-los.



Foto: acervo da autora.

A Lagoa da Batedeira fica na comunidade de Batedeira. É uma lagoa pequena, mas grandiosa de mistérios e histórias de encantos. Recebeu o nome de Batedeira, por seus mais antigos moradores. Contavam que, por diversas vezes, ouvia-se, altas horas da noite, alguém batendo roupa na tábua que ficava na margem e, quando iam lá ver quem era, não viam ninguém. Às vezes, também algumas pessoas que passavam por ali ao meio-dia viam uma mulher muito bonita batendo roupa na beirada da lagoa, mas, no momento em que a pessoa mudava a vista e que se lembrava de olhar de novo para a mulher lavadeira, já não mais era vista. Os mais velhos contam ainda que essas coisas acontecem porque lá vive uma Mãe D'Água e a tal mulher bonita que costumava aparecer batendo roupa era ela.



Foto: acervo da autora.

No nosso Sítio Arqueológico Duas Moitas, na região da Lagoa do Luís de Barro, também é um local de grande concentração de Encantados. Pois lá foi um lugar onde, no passado, moravam muitas famílias Tremembé, onde, depois de mortas, foram enterradas. Hoje não mora mais ninguém, apenas existem alguns vestígios das antigas moradias, objetos e muitas histórias desses antigos moradores. Ao que tudo indica, muitos desses antigos moradores, mesmo depois de mortos, por algum motivo, não conseguiram ou não quiseram se desligar desse lugar, ficando lá até os dias atuais, pois percebemos isso por meio de uma energia muito forte que nós sentimos ao chegar a esse local.

Um exemplo muito esclarecedor sobre a forte energia desses lugares pode ser dada no relato de nossas visitas, em novembro de 2008 e julho de 2010, durante a disciplina de Gestão e Organização Escolar Tremembé,¹² ao Sítio Arqueológico, ministrada pela consultora docente Sonha Malaquias. Em novembro de 2008, fomos todos da turma, entre nós, a im-

¹² Disciplina do eixo pedagógico estudada no currículo do MITS.

portante presença da nossa colega professora Raimundinha Tremembé (falecida) para conhecer esse lugar, sob a orientação e liderança de Seu Estevão de Tapera e a professora Sonha (Coordenadora Pedagógica do MITS). Ao chegarmos lá, todos nós ficamos encantados com a beleza do local, porque é composto por lagoas, dunas, morros e praia, totalmente deserta; a cor da água do mar é azul cristal com ondas fortes e altas. Além da sensação de uma força de atração, uma vontade de não mais sair desse lugar.



Foto: acervo da autora.

Entretanto, nessa ocasião, ocorreram fatos místicos com alguns dos professores cursistas Tremembé que ali estávamos. Alguns viram uma linda lagoa de águas transparentes e tiraram fotos, mas a surpresa foi depois quando perceberam que, na foto, não aparecia lagoa nenhuma, só o lugar seco. A professora Rita de Cássia, posteriormente, contou que, antes de sair de casa conversando com D. Neném da Tapera, descobriu que esta conhecia esse lugar e que a tal lagoa era encantada e era onde os moradores de lá tomavam banho, lavavam roupas, louças, faziam suas necessidades

domésticas. Mas, depois que esses moradores morreram ou se mudaram de lá, a lagoa secou.

Retornamos novamente a este local em julho de 2010, por ocasião da etapa de estudo da Disciplina Povos Indígenas, ministrada pelo docente Dr. Kleber Saraiva, que também nos acompanhou nessa visita. Nesse dia, vivemos uma experiência totalmente diferente da primeira. Ao chegarmos lá, a liderança, Seu Estevão, após realizar o ritual de licença para entrar naquele lugar, pediu que fizéssemos um círculo, encostando a cabeça no chão, sem soltarmos as mãos enquanto ele fazia uma oração, em momento de silêncio e concentração. Nessa hora, muitos professores cursistas começaram a sentir fortes emoções, de forma intensa. Eu, por exemplo, senti um arrepio na perna direita, outros perceberam sombras passando. Ao levantarmos, três incorporações aconteceram, uma após a outra. Enquanto a professora Sonha e lideranças presentes (Lúcia Lagoa, Cícera e Neci) ficaram lidando com essa situação, outros de nós sentindo a forte tensão das energias, nos afastamos para evitar outras possíveis incorporações. Para isso, nos distraíamos com a beleza daquela região. Eu estava grávida de quatro meses.

Após algum tempo que estávamos no local, o professor Dr. Babi Fonteles (Coordenador Geral do MITS) chegou com uma equipe de reportagem do jornal da UFC, para fazer uma matéria sobre a criação do MITS. Decidimos ir embora. Afinal, estávamos imersos nas experiências citadas anteriormente, sendo que alguns dos cursistas tiveram de ser levados nos braços até o carro porque ainda não tinham voltado ao seu estado de normalidade. O nosso guia, índio Tremembé, Seu Estevão, também, nesse dia, foi atingido por essa força não podendo mais retornar a pé, não conseguia andar, as pernas quase paralisadas, tendo que ser levado nos braços até o carro. Uma parte da turma foi embora, outra ficou cuidando uns dos outros, e outra cuidou de levar a pessoa incorporada com fortes reações para a cura pelo Seu Chico Brega da Batedeira. Nesse dia, não conseguimos mais ter aula devido a todos esses problemas que tivemos nessa nossa segunda vi-

sita ao sítio arqueológico Duas Moitas. Procuramos explicações com o cacique João, e ele falou que nós não estávamos preparados, que, para realizar essa visita, precisávamos de uma preparação espiritual. Depois de toda essa experiência, não voltamos mais ao local.

Capítulo V



A PRESENÇA DOS ENCANTADOS NA ATUALIDADE

A vida que temos hoje, apesar de os muitos costumes ainda estarem totalmente voltados para a cultura indígena, percebemos que muitas mudanças vêm ocorrendo a cada ano. Uma das maiores mudanças é que hoje nem todos os Tremembé acreditam na existência dos Encantados, portanto, nem sempre os respeitam e muito menos os valorizam. Provavelmente, isso vem acontecendo devido às diferentes culturas que se instalam no nosso meio, como, por exemplo, os novos ritmos de danças, como agito e pancadão. As pessoas preferem praticar esses que, no momento, são ritmos da moda a dançar o Torém. Durante o movimento especial da dança e as músicas que evocam os Encantados se faz a ligação, alguns chegando a incorporar. A televisão também tem influenciado o povo Tremembé, tomando o tempo destinado às conversas de fim de tarde e noite no terreiro, espaço propício para a contação das histórias.¹³ Isso, para grande parte dos Tremembé, é coisa do passado, pois, quando chega a noite, cada família individualmente se recolhe na sala de sua casa para assistir às novelas, muitas vezes, não dando chance nem para conversas entre os próprios membros daquela fa-

¹³ Disciplina do eixo político, ministrada por docente liderança Tremembé, parte do currículo MITS.

mília. Outro exemplo bem visível são as diferentes religiões que chegam ao nosso meio e, aos poucos, vão fazendo com que muitos Tremembé não mais acreditem na influência e na força que os nossos Encantados têm desde as nossas origens e raízes passadas. Simplesmente passam a acreditar que isso é coisa do demônio.

Talvez por isso, o cacique João Venâncio vive lembrando em suas palestras, quando tem oportunidade, que hoje as pessoas não se lembram mais de se benzer ao passar por uma cerca, por uma sombra de árvore, em encruzilhadas etc. E é por isso que, muitas vezes, as pessoas sofrem de coisas inexplicáveis na ciência dos médicos, porque não acreditam mais na espiritualidade como antigamente. E, diante dessa crença, existiam as sabedorias de defesas próprias, ou quando não, buscavam pessoas sabedoras desse assunto para resolver as diferentes questões ali apresentadas por meio da força, dom e sabedoria dos Encantados.

Capítulo VI



REFLEXÕES: O QUE APRENDI



Foto: acervo da autora.

Hoje, pelas muitas coisas que já ouvi dos mais velhos e pelas poucas experiências que já tive sobre isso, tenho a certeza de que existem sim muitos seres sutis ao nosso redor nos dando força para os difíceis momentos do nosso movimento, nos trazendo avisos, mensagens ou alertas para alguns acontecimentos futuros. Também pela fala do pajé Tremembé que diz que nós somos Encantados. Eu acredito ainda que estes,

além de serem representados pelas pessoas, também podem ser representados por outros seres que compõem a natureza como as plantas, os animais, os peixes, os pássaros, ou até mesmo de formas imagináveis. Enfim, os Encantados são parte da nossa natureza.

O que aprendi com esta pesquisa é que a diversidade de histórias de Encantados na memória, nas vivências e, principalmente, na oralidade do povo Tremembé é muito extensa. E, de acordo com suas diferenças, as suas funções ou seus papéis também se diferenciam. Por exemplo: a Mãe d'água, o Guajara, o Caipora e o Rei Sebastião são os Encantados protetores da natureza, porque protegem partes da natureza. O Lobisomem, a Bruxa e o Assobiador são Encantados de assombração, não curam, nem protegem e, quando são vistos, assombra. Mas, além desses, existem outros seres que não são considerados apenas Encantados defensores, mas sim divindades, anjos protetores dos povos indígenas. Seres que, normalmente, são lembrados em cerimônias, momentos de abertura de eventos com o cacique e o pajé, que são o Pai Tupã e a Mãe Tamain. Segundo o cacique João Venâncio, esses são os mensageiros e protetores dos índios, são eles que fazem a nossa articulação com Deus, nos momentos necessários.

O pai Tupã, cá pra nós os povos indígena, é um mensageiro do nosso pai celestial... ele ouve né, e ele passa a mensage pro criador. Pruque Deus só existe um, mas nós os povos indígena, tem um mensageiro, qui ele dá a nossa mensage para o maió. Por isso qui ele é chamado de Pai Tupã.

A mãe Tamain é nossa Senhora e é a protetora, como mãe protege seu filho, a quem você deve se apegar, fazer prece ou pedir prece pra determinados momento de afragelo na sua vida, né? Antão assim, a gente tem uma superiora... praque ela é a nossa força maió, nossa mãe Tamain (Cacique João).

Aí estão as duas principais divindades celestiais em um breve resumo nas palavras do cacique Tremembé João Venâncio, que também afirma que, além desses, existem ou-

tros que são mais vagamente falados, sem contar que cada pessoa, em particular, tem seus guias de proteção. O pajé Luiz Caboclo também reforça isso durante a etapa de estudo no conteúdo da disciplina Medicina Tradicional, do curso MITS ao dizer: “O nosso mestre é nosso anjo da guarda”.

A seguir, transcrevo uma música cantada pelo cacique e o pajé em momentos de abertura de alguns eventos do aldeamento Tremembé, citando algumas dessas divindades:

Pai Tupã é filho das selvas,
Pai Xalá é filho das águas,
Mãe Tamain bateu nos tambô,
Aqui chegou os índios curador,
Vieram pra curar, vieram pra limpar,
Vieram pra afastar toda essas demanda.

Este livro me fez perceber muitas coisas que antes eu nem sequer imaginava como, por exemplo, que, no nosso aldeamento Tremembé, existem muitos lugares encantados como os que aqui foram citados, especialmente na comunidade de Mangue Alto.

Também percebi que tudo neste mundo tem sua função, até mesmo os seres que vivem sutilmente em nosso meio, e que nem sempre percebemos suas presenças, mas nem por isto deixam de existir. Acredito que, como nós, cada um deles tem seu lugar reservado aqui na terra ou em outros espaços do universo e que, por muitas vezes, eles interferem de forma muito real nas nossas vidas. No meio dos Tremembé, estão na história, lendas e crenças do povo desde os séculos passados, assim afirma Dona Rita Tó, liderança de Batedeira II.

E, assim como nós, outros seres da natureza, também existe a diversidade de Encantados. Uns que simplesmente assombram outros que protegem parte da natureza e outros que atuam como verdadeiros curandeiros e guias protetores das pessoas.

Outra coisa também que eu venho aprendendo é saber conversar com os Encantados quando tenho um contato mais direto com os mesmos. Falo isso pelo fato de ter uma irmã mé-

dium, Adelina, que incorpora. Por várias vezes, nessa ocasião, eu tenho conversado com eles para saber o que eles querem, porque estão ali ou qual é a mensagem que querem transmitir. Vale lembrar que nem sempre é fácil lidar com essa situação, mas que também aprendi com o cacique e o pajé Tremembé que, nesses momentos, não precisamos ter medo e nem nos desesperarmos, apenas temos que saber conversar para ver o que estão querendo e depois pedir para irem embora.

Além disso, lembro ainda que, durante muitas vezes, quando estava digitando esse trabalho, senti alguém perto de mim me observando e sempre era alguém que tinha uma energia quente. Sentia a presença, às vezes, me rodeando como se quisesse saber sobre o que exatamente eu estava escrevendo. Quando eu estava sozinha, logo eu dizia, mas, quando tinha alguém por perto, eu tentava me concentrar e passar a mensagem ao meu pensamento, só assim eu sentia que eles se afastavam. Pois, durante todo esse meu trabalho, eu sempre tive o cuidado de lembrar e pedir permissão para escrever o que me fosse possível e assim não ultrapassar qualquer limite do que se refere a esse assunto.

Aprendi também que, nessa vida, devemos pedir permissão a um superior em tudo que vamos fazer. Digo isso porque, durante todo o meu trabalho, eu fiz isso e, com a minha irmã desenhista Paulina, também não foi diferente. Pois, durante muitos dos desenhos dos Encantados que ela foi fazer, teve bastante dificuldade como, por exemplo, o Caipora, o Rei Sebastião e a Bruxa. E só conseguiu desenhá-los depois de muita paciência, concentração e pedido de permissão para isso. Chegou até a sonhar em como seriam tais desenhos.

Por isso, também posso afirmar que aprendi e que venho a cada dia mais aprendendo a ter conhecimento, mais respeito e admiração por nossos Encantados.

Diante de tudo que escrevi e vivenciei, hoje me sinto mais feliz comigo mesma, com as pessoas que estão ao meu redor e com aqueles que nem sempre conseguimos ver, mas que sentimos de alguma forma quando quer nos passar alguma mensagem ou informação. Pois, como já disse ante-

riormente, os Encantados podem estar em qualquer lugar e a qualquer momento.

Além do que aprendi de conteúdos e lições de vida, aprendi uma tecnologia. Nada fazia com que eu gostasse de computador, não queria saber de nada referente à informática. Minha orientadora dizia que fazia parte do TCC essa aprendizagem de informática. Insistiu. Como já escrevi, uma das coisas que eu sabia muito pouco era digitar e fui obrigada a aprender. Obrigada pelo fato de ter sido surpreendida pela minha orientadora Sonha Malaquias, em entregar em minhas mãos o seu notebook para que eu fosse digitando o meu trabalho. De início, eu não acreditei, tomei um susto e não quis aceitar de maneira nenhuma. Mas, a partir do que ela foi me explicando, fui me convencendo e só aí aceitei. Aceitei por perceber que o computador era um dos instrumentos essenciais no desenvolvimento desse trabalho. Mesmo assim, não foi fácil me acostumar com tal objeto na minha frente. Só mesmo a necessidade me fez ultrapassar essa barreira para ver o bom andamento do meu TCC. E por causa dela venci o medo de enfrentar certas tecnologias que apareceram nos nossos dias atuais e que estão aí para facilitar e suprir as nossas necessidades. E foi necessário para formatar meu trabalho. Resultado: hoje escrevo e manuseio o notebook e até gosto, cada dia mais, acabo aprendendo alguma coisa. Enfim, todas as aprendizagens que eu assimilei durante todo o processo do MIT e MITS muito serviram para minha formação como cidadã Tremembé, para minha vida e para minha profissão de professor e educador.

Por fim, aprendi que só estou começando nos meus estudos e pesquisa sobre os Encantados do povo Tremembé. A partir destes escritos, posso elaborar material didático para as escolas Tremembé. Posso também fazer vídeos, filmes, revistas em quadrinhos, livros infantis e jogos educativos.

Capítulo VII



HISTÓRIAS SOBRE ALGUNS LUGARES ENCANTADOS

A seguir, escrevo alguns relatos de histórias e vivências sobre alguns desses lugares de encantos citados no capítulo IV.

7.1 O Encantado da Lagoa da Água Verde



Imagem: acervo da autora.

D. Maria Bela conta que, certa vez, uma mulher estava nessa lagoa lavando roupa sozinha. Num instante em que ela entrou na água, percebeu alguém atrás dela. Assim que a mulher se virou, viu uma bonita moça, de cabelos compridos pegando o sabão que estava em cima da tábua de lavar roupas. Rapidamente, ela pegou o sabão e mergulhou sumindo na água. A lavadeira, assustada, logo foi embora porque teve certeza de que aquela moça misteriosa só podia ser a Mãe D'água.

Em outra ocasião, existia um homem chamado Eusébio, mas era conhecido por Zeba. Um dia, ele chamou seus trabalhadores e mandou que fossem pescar na Lagoa Verde pra ele. Eles se negaram a ir por já conhecerem as histórias de lá e também porque era muito difícil pegar peixes nela. O homem insistiu dizendo que eles fossem e não se preocupassem que ele se responsabilizaria por tudo que viesse a acontecer na pescaria.

Os pescadores foram, mas um pouco receosos. Zeba, com pouco tempo, montou no seu cavalo e seguiu, ansioso, atrás para a lagoa para ver os peixes da pescaria. Chegando lá, os pescadores não haviam pegado nenhum peixe e, assim que ele chegou na lagoa, adoeceu. Começou, de repente, a se tremer a ponto de nem se segurar em cima do cavalo sozinho. Os pescadores, assustados com tal situação, o levaram para casa, onde ficou prostrado e, com poucos dias, acabou morrendo.

Diz-se que isso aconteceu devido a sua insistência, ousadia e desrespeito àquele espaço de um encanto de muito poder.

7.2 Os encantos da Lagoa da Batedeira

Luís Tó, morador antigo de Batedeira II, conta que essa é uma das lagoas que mais tem peixe naquela região, mas que ninguém consegue pegá-los, devido aos encantos que habitam nela. Isso porque, no meio dela, existe um tremedal, ou seja, tem um areal e, ao redor, um lamaçal com lodo. Se alguém se arriscar em descer lá, corre um grande risco de se atolar, afundar e não conseguir mais sair de lá com vida. Devido a isso, diz que essa lagoa é criminosa porque lá já morreu gente afogada. Também contou que, certa vez, um grupo de amigos, num domingo, andava se divertindo e foram para a lagoa tomar banho. Por ser final de semana, lá se encontravam muitas pessoas tomando banho também.



Imagem: acervo da autora.

Como a lagoa é pequena, três dos amigos que andavam em diversão, se combinaram para a atravessarem a nado. Dois desses já eram acostumados a fazer isso e logo passaram pelo outro, que ficou para trás. Chegando do outro lado, viram que o outro não vinha e acharam que ele havia desistido e voltado de uma altura da lagoa. Por conta disso, reuniram-se com outros colegas e foram para um jogo de futebol. Passou-se o restante do dia, e ninguém mais viu o rapaz. No outro dia, os familiares começaram a se preocupar e a procurá-lo pelas comunidades vizinhas, mas nada de encontrá-lo. Só no segundo dia de procura, foi que alguém lembrou que o tinha visto na lagoa tomando banho. Aí se juntaram quatro homens e foram mergulhar para ver se o achavam. Com poucos mergulhos, o encontrou morto no fundo das águas.

A liderança Luís Tó também contou outra história. Ele relata que, certa vez, passaram um arrastão dentro da Lagoa da Batedeira. Quando chegou ao meio, a rede enganchou. Puxaram, puxaram, e a rede não veio. Depois de algum tempo, um dos pescadores resolveu descer para tentar desenganchar. Quando chegou lá embaixo, tinha um homem e uma mulher teimando pela rede. A mulher dizia que não soltava a rede, e o homem dizendo que ela soltasse, até que ela se resolveu e soltou. O pescador, ao ver tal cena, subiu, saiu da água e contou para os outros o que tinham visto. Em seguida, puxaram a rede, que não mais estava presa no fundo da lagoa, mas do jeito que os pescadores começaram a pescaria, terminaram, ou seja, não pegaram nenhum peixe. Em outra ocasião, outros pescadores foram pescar e, assim que chegaram lá, viram um grande curimatã.¹⁴ Pelejaram, pelejaram para pegá-la, mas não conseguiram porque cada vez mais ela adentrava para o fundo da lagoa e eles já quase se afogando, desconfiaram e desistiram.

¹⁴ Espécie de peixe de água doce muito parecido com a tainha.

7.3 Encantados da Batateira

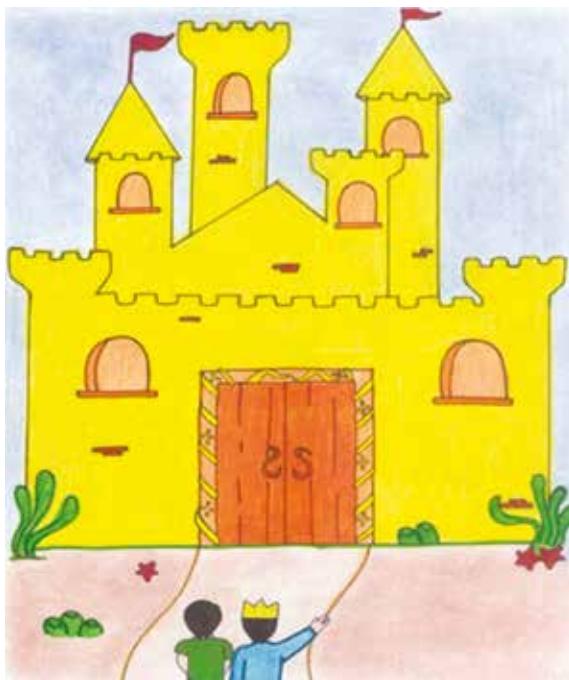


Imagem: acervo da autora.

D. Maria Bela afirma que esse lugar é encantado mesmo e que seu dono é muito poderoso. Ela conta que seu irmão, chamado Antônio, era médium e nunca quis pegar o trabalho. Uma vez, ele contou pra ela que, numa noite, ele sonhou que passava pela Batateira e viu que lá era um grande palácio. Ao passar, avistou um rapaz muito simpático que o chamou para conhecer o seu bonito palácio e algumas pessoas que lá viviam. Entrou num quarto e mostrou-lhe sua mãe deitada em uma cama, usando um véu e um vestido longo. Depois lhe mostrou a empregada, que era bem negrinha. Após ficaram conversando e observando a riqueza daquele palácio deslumbrante.

Passado algum tempo, Antônio disse que precisava ir embora. O rapaz, mesmo sem querer deixá-lo ir embora, lhe disse

que, no outro dia, ele fosse pescar que ele lhe daria um grande peixe. No outro dia bem cedo, Antônio, lembrando-se do sonho, foi pescar. Chegando à praia, jogou a linha mesmo do seco que logo que caiu n'água físgou um peixe. Antônio sentiu que se tratava de um grande peixe e lutou, lutou até que conseguiu puxá-lo mais para fora. Quando ele olhou direito, se assustou com o tamanho do pescado, que tinha os olhos do tamanho dos olhos de um camurupim bem grande. Apavorado, sem mais esperar, soltou a linha e saiu correndo indo embora.

D. Maria Bela também conta que, nessa região da nossa praia, além da Batateira, existem mais dois encantos que são o Morro das Crianças e o poço que fica entre o mar e os morros. Ela disse que, quando morava lá perto, por várias vezes, ouvia muito barulho de crianças brincando nesse morro, por algumas vezes, ela foi lá ver, mas não tinha criança nenhuma. Aí ela ouvia os mais velhos falando que por ali tinha esse morro encantado e conhecido por Morro das Crianças.

Entre os morros e a praia, existe um grande lago onde, antigamente, era a boca da barra por onde os barcos entravam e saíam do porto de Torrões quando iam ou chegavam do mar. Hoje ele não tem mais ligação para o porto porque boa parte dele foi entupida de areia pela ação das grandes marés. Devido a isso, agora ele é composto de água doce e um pouco de mistura de água salgada que entra no período das marés grandes, ficando assim com água salobra e ele nunca seca. Nele tem uma grande variedade de peixes, siri e camarão. Segundo D. Maria Bela, esse poço também é encantado porque ela já ouviu falar que lá existe uma moreia fantasiada que já foi vista por muitos pescadores, mas nenhum deles conseguiu pegá-la.

O mais interessante disso é que tanto o Morro das Crianças¹⁵ quanto esse poço, ficam de frente para a pedra da Batateira.

¹⁵ Região de morro situada na comunidade da Batedeira, Itarema.

7.4 Uma história de assombração ou visagens



Raimundo Nascimento, o “Pachola”.
Foto: acervo da autora.

Raimundo Nascimento, conhecido por Pachola, na sua juventude, trabalhava no Jardim (Lagoa do Jardim - assentamento)¹⁶ e gostava de uma moça que morava no Saquinho.¹⁷ Naquele tempo, era costume andar a pé ou a cavalo entre esses lugares porque não existiam estradas, muito menos carro que trafegasse nessas regiões.

Certa vez, ele vinha do Jardim para o Saquinho encontrar a sua namorada. Era meio-dia, e ele vinha sozinho. Seu caminho passava por outros pequenos lugarejos e quase não tinha casas por ali. Ao passar pelas Imburanas, lugar deserto

¹⁶ Distrito de Amontada, Ceará, Brasil.

¹⁷ Comunidade que mantém flora original, situada entre a praia de Almofala e a mata, região de Varjota – Itarema.

de moradores em que só existiam antigas taperas de casas, bem debaixo de um velho e grande cajueiro, percebeu algo estranho: alguém tinha cortado um galho grosso e, no lugar do corte, seguindo até o tronco do cajueiro, tinha mais ou menos um litro de lâminas de gilete enfiado por toda essa extensão da árvore. Ele parou perto e ficou observando aquilo por um bom tempo, imaginando quem poderia ter feito aquilo e por quê? Ainda pensou de tocar nas lâminas, mas desistiu e foi embora pensativo.

Chegando ao Saquinho, contou para alguns conhecidos o que tinha visto. Depois de três dias, retornou para o Jardim e, ao passar pelo mesmo lugar, teve outra surpresa: não havia mais sequer uma lâmina de gilete naquele cajueiro. Ele ainda procurou, olhou pra ver se via pelo menos uma lâmina, mas nada. Pachola disse que não sentiu medo, mas ficou pensando que, se tivesse tocado nas lâminas quando as viu, provavelmente teria se assombrado. Daí, ele teve a certeza de que aquilo só poderia ser uma visagem, porque de onde teria vindo tanta gilete para um lugar em que não morava ninguém por perto e depois terem sumido todas assim tão rapidamente.

Pachola foi embora, mas nunca esqueceu esse acontecimento e ainda lembra que, nas Imburanas, costumavam acontecer fatos estranhos, pois sempre foi considerado, pelos mais antigos, um lugar de assombrações.

**Capítulo
VIII**



**NARRATIVAS DE
TREMembÉ QUE
TIVERAM OU TÊM
EXPERIÊNCIAS COM
OS ENCANTADOS**

8.1 D. Maria Bela, liderança da comunidade da praia



Dona Maria Bela.
Foto: acervo da autora.

Quando começou a sentir, tinha apenas 9 anos de idade. Dona Maria Bela conta que começou vendo pessoas estranhas e não sabia o que significava aquilo. Não podia pisar na água salgada que adoecia: de repente, começava a vomitar, ficava com febre, com diarreia, por mais ou menos uns quinze dias. Na época, a mãe dela achava que era “ramo” ou trombose, assim era conhecido o AVC naquele tempo e lhe dava todo remédio que lhe ensinavam, mas nada servia. Nessa situação, vivia quase o tempo todo doente. Ela conta que morava no Sítio Aningas em Almofala,¹⁸ região bem próxima da praia, e por ali passava um pequeno riacho que desaguava no mar. Um dia, foi até esse riacho tomar banho e, antes de entrar na água, decidiu cavar uma cacimba na margem para beber água, caso sentisse sede. Quando estava ali, percebeu um grande movimento nas águas do riacho, correu pra lá pensando que fosse peixe, pois ali costumavam entrar grandes camurins. Ela, já achando que poderia pegar o mesmo, logo entrou na água em direção do estranho movimento. Ao se aproximar, levantou-se do local uma grande cobra e se enrolou toda nela. A cobra começou a apalpar a sua cabeça e observá-la com bastante calma. Os olhos da serpente eram azuis anil, e sua língua era como de uma pessoa. Após fazer tudo isso, a cobra se desenrolou e sumiu em um buraco no riacho. Dona Maria Bela, mesmo apavorada de tanto medo, gritou por socorro, dizendo que a cobra a tinha mordido. As pessoas que ali chegaram ainda procuraram a tal serpente, mas nada encontraram. Levaram, então, Dona Maria para casa, e sua mãe mandou chamar um rezador para curá-la da picada da cobra. Desconfiado, ele pediu que chamassem o pajé Tremembé João, o qual entendia muito desses assuntos. Quando ele chegou, contaram o que aconteceu, e o mesmo disse que aquilo tudo havia ocorrido porque Dona Maria Bela era médium e suas correntes estavam muito

¹⁸ Situado em Itarema.

baixas, e que aquela cobra era uma moça encantada e caridosa que veio para ajudá-la e prepará-la para o trabalho de cura que desenvolveria mais tarde.

Depois de explicar tudo isso, o pajé disse que ele ia suspender suas correntes até ela completar 14 anos de idade e assim o fez. A partir daquela dia, Dona Maria Bela não sentiu mais nada, quer dizer, só voltou a sentir quando foi morar no Maranhão, pois os problemas de saúde estavam curados. Ela fala de uma noite em que acordou com uma vontade imensa de ir à praia, convidou a sua mãe. Chegando lá, ela começou a olhar para o mar e, de repente, avistou um rapaz cruzado (espécie de enfeite enlaçado do ombro direito para as costelas esquerdas e vice-versa) e com uma bola muito colorida. Ele então lançou a bola, que saiu flutuando, rolando e brilhando de diversas cores ao mesmo tempo rumo ao sertão. Depois o tal rapaz mandou que Dona Maria fosse embora e assim ela fez.

Dos seus 14 anos em diante, seus “meninos”, como são chamados carinhosamente por ela seus mestres encantados de cura, começam a se manifestar através dela para, com seus dons, curar as pessoas. Muitas vezes, Dona Maria chegava a ficar valente e se revoltar por qualquer coisa, mas vale lembrar que isso não era pela vontade dela, mas sim pela vontade dos seus mestres que estavam presentes. Outras vezes, chegou a se incorporar na presença de pessoas que não acreditavam nessas coisas de umbanda. Parece até que era para provarem as suas existências e que ninguém deve duvidar dos seus poderes. Com tudo isso que acontecia, Dona Maria entendeu que o que deveria fazer era se preparar bem para seguir o destino que lhe foi reservado. Daí então buscou reforço de proteção para desenvolver o seu trabalho numa aldeia de índios Xavante, no Maranhão, onde foi bem recebida e bem preparada por uma índia chamada Joaquina, e apelido minha Quina.

A partir daí, ela deu início ao seu trabalho com os mestres Encantados e fala do seu primeiro trabalho que foi curar um homem que estava com a perna cheia de bichos. Dona Maria Bela também fala sobre demanda ou corrente de exu,

que significa trabalho ou espíritos mandados por alguém para atingir ou prejudicar outra pessoa.

Uma vez, ela contou que tava banhando os meninos quando, de repente, apareceu na sua frente um pano como se fosse um lenço cheio de alfinetes. Esse pano ficou alto do chão por um tempo e, de repente, foi voltando de onde veio até sumir.

Outra vez, ela ia num caminho quando uma aranha caranguejeira tentou atingi-la, mas não conseguiu e, na outra noite, acordou com um barulho estranho que zunia. Quando ela prestou bem atenção, era uma flecha tentando acertá-la, mas, como ela era protegida, conseguiu se desviar, e a tal flecha acertou em cheio no seu marido, que estava do seu lado, mesmo ela tendo ainda o avisado. Depois ela mesma foi quem fez a cura de seu marido, desfazendo assim tal demanda que veio pra ela.

Todas essas coisas que mandam para prejudicá-la nunca a atingem porque ela foi bem preparada e, além disso, é bem protegida pelo seu guia. Aí ela aproveitou e explicou que todo médium tem seus protetores que, em geral, são um guia, o anjo da guarda e mais dois guarda-costas.

8.2 Dona Rita Tó, liderança de Batedeira II



Dona Rita Tó.

Foto: acervo da autora.

Dona Rita conta que, desde menina, começou a perceber coisas estranhas, via pessoas e, por algumas vezes, corria para alcançá-las e, quando percebia que não as alcançaria, tentava voltar, mas aí caía como se estivesse desmaiada. As pessoas que a viam caída a levavam para casa, onde cuidavam dela até voltar ao normal. Sua mãe sempre achou que seu problema fosse epilepsia e, por isso, nunca cuidou do seu caso como deveria. Dessa forma, ela cresceu e continuou sofrendo com essas coisas inexplicáveis.

Conta que, uma vez, ela estava sozinha numa lagoa, lavando roupa próxima de sua casa, quando, de repente, apareceu uma mulher toda vestida de vermelho, pedindo que ela também se vestisse de vermelho e apontando para uma blusa com essa cor que estava no meio das roupas sujas. Então, Dona Rita, sem desconfiar de nada, foi logo tirando sua roupa para vestir a tal blusa que era do seu marido e que aquela mulher desconhecida havia lhe pedido que usasse. Mas, ao tirar toda sua roupa, logo caiu e só foi encontrada às seis horas da tarde por algumas amigas, a mesma estava nua como nasceu, por isso suas amigas a enrolaram com um pano até ela voltar a si e lhes contar o que havia acontecido.

Dias depois desse ocorrido, ela sonhou com um caboclo, um orixá curando. Sua filha que, na época, era criança e tinha asma foi curada por ela depois do sonho. Mesmo assim, seu marido nunca acreditou nela. Dona Rita diz que sempre trabalhou com o espírito de luz e com vela branca, que é para curar pessoas. Diz também que, para ela curar, vive um dom dado por Deus.

O seu dom de curar se desenvolveu a partir daquele sonho com o orixá, e hoje ela reza para curar diversas enfermidades, tais como bicheira, cólica, hemorragia, dor de mulher etc. Não ensina suas rezas para ninguém porque, segundo ela, enfraquece suas forças de cura, por outro lado, sente muito prazer em operar a cura nas outras pessoas. Finaliza suas palavras na entrevista dizendo que, por tudo o que faz, se sente uma Encantada.

8.3 Experiências de cura do Seu Sabino



Seu Sabino.
Foto: acervo da autora.

Além das histórias dos Encantados protetores da natureza ou dos que simplesmente assombram as pessoas, existem outros Encantados que têm outras funções, como por exemplo, atender pedidos de alguém que busca a sua ajuda para alguma necessidade e acredita que pode ser atendido, ou seja, pela crença, faz suas preces ou solicita o que deseja e, na maioria das vezes, obtém sucesso no seu pedido.

Experiências de seu Sabino, liderança da comunidade de Varjota¹⁹ e rezador.

... eu aprindi a rezar foi cum o porro mais réi, os cabeça réi. O finado Pedro do Morro, qui era o pai do Reimundo Pedro. Dixe qui ele era um réi munto sabido, era um rei que rezarra munto, tinha as oração dele. E aí no meu tempo de rapaz, pelo menos eu, num ia só mim impregá

¹⁹ Distrito de Itarema.

no mundo só atrás de namorar não, tinha lá minhas hora de mim também precurar minhas reza, minhas derroção pra me defender das coisa, as reis na hora das carença, as reis inté pra defender uma criatura aí de certos isprito rei mau. E portanto essas coisa, cê sabe que a gente norro, a gente condo é norro, a gente sabe das coisa, mas ninguém rai fazer em ninguém não, pruruê ele quer é brincar. Agora depois aí dum tempo pra cá, foi que o porro pegaro...eu num sei pruruê mutirro, o porro pegaro a mim precurar peu rezar e eu tem rezado. As reis é de quebranto, as reis é desses isprito rei que se incosto nesse porro. Essas coisa aí, eu tenho trabaiado munto... as reis aqui eu tô umas hora da noite, condo me chamo pra Vila, pro Comondongo... e aí tudo isso, tem as reza da gente...de todo jeito tem as reza... pra se demandar as coisa...aí já é outro jeito do camarada rezar pra demandar aquelas força réa mau, aquelas pissiguição réa, que ta as reis fazendo aquela sujeira, as reis naquela pessoa. As reis chega gente aqui duente...aquilo ali as reis é os óio do porro que as reis tem aquela inreja... e chega inté aquele ponto daquelas inreja grande, e roce rai recebendo aquelas sujeira réa, aquelas palarra réa e rocê aduece cum aquilo... mas agora eu digo: graças ao meu bom Deus, inté hoje, ainda num rei um cristão dacolá pra num ter rezado e num ter ficado bom, graças a Deus, inté hoje, os que rem duente, rola bom... na minha casa é difícil faltar gente pra eu rezar.

Na sua fala, seu Sabino também lembra que doença que é dada por Deus nem sempre se dá jeito, agora sendo coisa do inimigo aí sim tem jeito.

... o que Deus dá, ninguém tira. Agora sendo dada por o Satanás, o camarada tira... e Deus ajuda a gente pra fazer aquilo. Pra eu fazer esse trabai im rocê, precisa que eu me valha dele, pra pudê rezar aquela oração que tem pra demandar rocê. Se é a força do bicho, rai demandado... é tanto que as reis muitos me chama pra ir rezar que é atacado dessas coisa réa do satanás, muitos lá mete os pês pruruê... “- Diabo é que eu to fazendo lá, que mando chamar eu pra disaquetar eles... - Rapaz tu quer ser pesado pra fazer essas coisa, pruruê num tem uma coisa que eles se incoste pra tu num ta lá.” Ora pruruê o porro precisa rapaz, e tu fica por aí chafurdando, é preciso sair...

Além de tudo isso que seu Sabino faz para o bem-estar das pessoas que precisam, diz que também sabe de oração muito forte, que nem mesmo o inimigo quis, por se tratar de uma oração que é capaz de obrigar uma pessoa fazer algo que não está nos seus planos. Esse é caso da oração de Santa Catarina do Egito, que é capaz de obrigar uma pessoa a namorar a outra. Mas essa ele diz que não reza porque é coisa do demônio, porque causa a maldade com os outros. Também nunca a ensinou pra ninguém, porque só por uma vez ele fez uma experiência com a mesma para ver mesmo se dava certo e teve a comprovação exata como pediu, mas logo se arrependeu e nunca mais a rezou, muito menos a ensina pra alguém.

... agora só terre uma oração que eu aprindi e num rezo que essa aí é coisa do bicho. Exprementei uma vez mas aí...deu certo praquê do jeito que eu fiz vei...é esse negoço do cara obrigar muié... é a oração de Santa Caterina do Egito. Essa aí nem o Satanás quis ela. Depois que ela cumeçou a fazer a oração dela, Satanás vei duas vez pra dismanchar o que ela tinha feito. Mas que ela pudê mais de que ele pôde e consiguiu o camin dela, a verdade dela, da oração dela. E aí o que acontece e por causa disso aí, eu num cri bem. Aí eu aprindi e disse: eu vou exprementar...aí butei...e cum certeza cuma a muié vei, a muié vei aonde eu tava e só num cunhici a muié de pé a pé, praquê respeitei...aí quer dizer que aquilo foi uma coisa que eu fiz pra ver se dava certo, mas não pra mim fazer nada cum ela né? ...isso era de noite, era tarde da noite. Aí a caboca réa saiu, aí eu benzi ela novamente na saída dela...também foi uma coisa que eu nunca consigui pra ninguém e tem gente aqui que luta, peleja pra eu insinar e aí eu digo: pra que quere? Pra que rocês quere? Às vez é home casado. Às vez eu penso em si que aquilo que eles quere aprendê, essas coisa é pra lhe reduzir, quer reduzir minha muié, ou outra qualquer, né? E aí, certamente que eu nunca insinei, ninguém... é praquê aí obriga mermo... praquê é coisa do bicho. Eu vou lá perder minha alma pra dá a vida os outro, vou não.

8.4 A experiência de cura de D. Lucrécia, liderança de Varjota



D. Lucrécia.

Foto: acervo da autora.

[...] eu trabaio com a linha dos astro, com os encante, né? Quer dizer que os encante tem a linha dos astro e tem a linha do mar, né? E a linha da mata, quer dizer que a linha da mata tem o índio curador... eu,... cumeçou, eu num sei nem cuma foi que cumeçou, que cumeçou era tanta doença em riba de mim e eu sem saber o que era. Ia pra médico, ia pra outras reza, onde os rezador reza assim mermo sem tá concentrado a caboco. Chegava lá eles rezarro, era mermo que nada e eu cada vez mais continuando adoecendo. Me darra frio, me darra febre, me darra dor de barriga, me darra dor nos peito. E do meus peito, condo eu tinha uma criança, durante o tempo do resguardo, eu darra de mamar porque era o jeito, mas não que eu pudesse. Aí pra mim era ermêa... mandarra rezar, mandarra um, mandarra outro e até que foi indo, foi indo e essas coisas, até que me lerraro pra esse trabai. Aí chegando lá, me dissero que era as minha corrente que tavam baixa e eu só ficarra boa, se eu

pegasse o trabai. Aí eu condo as vezes caía, aí condo eu ia cor de mim, o meu distino era de correr ou pro mar, ou pra mata... aí eu sei que o pessoal pelejarro comigo... como de fato, condo foi no final das conta, esse home (seu marido) num queria, tinha muita raiva... aí foi indo, foi indo, até que eu chegou o tempo de eu querer, era o jeito, até que eu aí perdi o controle, a cabeça, fiquei como uma louca dento de casa. Num cumia, num bibia... fazia todo efeito dentro de casa, na rede. Aí a mamãe era quem lutarra comigo... era a cumade Dussanto... me pegarro , me banharro... me lerrarro pro banheiro, ... que nesse tempo era no corgo... e aí foi indo, foi indo, até que me lerraro pra essa muié acolá (comadre Odete, mulher de José Alves). Aí abaixo de Deus, foi a minha salvação, foi Deus e ela, que foi trabaiando, trabaiando e tirando aquelas ponta de corrente do mal, e foi indo... graças a Deus hoje eu tô contando a históra. Tô dentro de 33 anos que eu tenho esse trabai, graças Deus, daí pra cá num soube mais o que era as doenças que eu sintia né?... e trabai de baia pra mim num serve... pra mim só se for um trabai pesado, que trabai derrame suor, aí no outro dia eu manheço maneira... é o trabai de cura, que o meu trabai num é de baia é só mermo de curar... pois é, aí, por isso aí e eu sinceramente, num é me garando, num é me pabulando, mas é difícil chegar uma criatura aqui doente, pra cum os poder de Deus, num ser atendido. Só não negoços a feitiço, trabai feito, também não, nem pra eu fazer e nem pra eu butar né? Num tenho essa previsão... e também pra obrigar as pessoa às vez querer outro, sem a gente querer, também nunca no mundo eu fiz...

Eu pergunto: como é que você se sente em fazer esse trabalho de curar pessoas? Eu acho por bem, porque assim, as coisa que eu sintia, agora num sinto mais né? Aí eu acho que condo uma criatura me procura pra mim fazer um trabai que vem com precisão, condo chega eu tenho todo gosto e prazer em fazer. E acho bom condo aquela pessoa fica boa né? Pois é às vez aquela pessoa chega doente e aí eles (os encantados) insinam o remédio, insinam um banho, insinam qualquer tipo de coisa, às vez um defumador... aí eu acho que a minha cura é do bem num é? Agora tem várias pessoa que acham que é macumba, é isso ou aquilo outro, mas macumba é pra fazer o mal e o meu trabai é outro. Agora às vez vem um

casal, se separa... aí a gente vem dá um entendimento a eles, pra eles voltar ao normal, porque às vez ali é o começo duma atentação num é? É o inimigo que tá fazendo mal pra separar os dois... aí se a pessoa chega a me pedir, aí eu tenho que fazer aquela cura, que é pra afastar as coisa mal do inimigo... pra unir de novo o casal. Cuma era.

E tem muita gente que de primeiro falarra de mim e eu chorarra muito, mas agora, hoje em dia, quase todas as pessoa que falarra de mim, já tem precisado e aí eu acho bom assim porque graças a Deus o trabai serve. Desses negoço de incosto chegando aqui, abaixo de Deus é resolvido.

8.5 Experiência de cura de Adelina, jovem de Mangue Alto



Adelina.

Foto: acervo da autora.

Desde criança, percebia alguém perto de mim... no ensino médio, na etapa sobre espiritualidade é que eu fui me descobrir média, pelas pesquisa que eu fui fazendo, fui entendendo coisas que ocorriam comigo.

Com 15 anos foi lá na Tapera, eu comecei sentir angústia, medo e vontade de sair e quando saí, que entrei na sala, não vi nada, mas sentia alguém segurando nas minhas mão e não era pessoas normais. De repente não me lembro mais de nada.

Depois só sonhava rezando sozinha e curando. Outra vez até sonhei que virava um encantado. De repente chegou num lugar como num mangue, com águas pretas. Lá via pessoas estranhas, diferentes mas do bem. Outra vez, deitada, senti a presença de alguém perto de mim, mas não vi nada, depois sonhei com a dita pessoa e vi quando consegui abrir os ói. Ele era pequeno, montado num cachorro e era negro, mas não tive medo...

No cumeço eu tinha medo de falar, porque eu achava ser coisa da minha cabeça. Depois comecei a vê-los passando na janela... vi um homem de branco na siriguelira.

Desses não tive medo...

Às vez eu tava em casa, sentia alguém perto de mim, aí já sentia as minhas mãos ficarem geladas, pensava que fosse coisa da minha cabeça, mas depois eu ficava pensando que podia ser a presença deles (os encantados). Uma vez eu tava jantando, senti alguém se aproximando atrás de mim, aí nesse dia eu tive medo. A mãe percebeu e perguntou o que era? Aí eu cumecei logo a chorar, não sabia porquê, mas eu sentia um medo e no outro dia me levaram pra D. Marli rezar em mim.

Na III Assembléia do povo Tremembé na Varjota, eu cheguei lá boa, aí condo foi na hora de dançar, entrei como todo mundo na roda, de repente cumecei a sentir uma quintura nas costas e as mãos gelando, que ia e voltava. Aí condo o ti Luís Cabôco cumeçou o ritual de disfumar que chegou em mim, eu senti uma alegria tão grande que parecia que era eu que já fazia aquilo há muito tempo. Aí era como se eu já fosse acostumada a fumar cachimbo. Aí foi que eu amoleci e disse pras meninas que eu não tava me sentindo bem. Aí só me lembro condo abri meus ói, taqui uma muiézinha (D. Rita Tó) que eu num cunhicia com umas folhas rezando em mim. Aí eu num quiria mais ir pras mangueira porque sentia eles lá, sabe? Essa muiézinha, na terceira vez que rezou em mim, me disse que minhas corrente tavam muito baixa e se eu não me cuidasse, eu ia pegar o trabai logo. Aí nesse dia eu me senti muito bem e me identifiquei muito cum ela. Aí eu disse o pai, que depois conversou cum ela e acertaram que ela ia fazer o meu trabai... mas no dia eu num quiria ir, eu tava cum medo, mas fui... mas

condo cheguei lá, me senti à vontade porque fumo bem recebido. Aí suspenderam minhas corrente e descubri muitas coisa que me deixaram muito feliz e no outro dia eu tava tão maneira que parecia uma pena... por conta desse trabai sofri muitas crítica, as pessoa diziam que era espírito, mas eu sabia que num era coisa do mal e aos pouco fui aprendendo me defender, porque os próprio de perto ficavam estranho cumigo e outros ficavam preocupados...

... hoje eu me sinto feliz porque eu sei que daqui pra frente eu vou ajudar muitas pessoa, apesar dos muito preconceito que ainda posso sofrer.

De primeiro eu ficava com dúvida e pensava que podia me livrar disso, mas hoje eu sei que isso é um dom de Deus e que isso é o melhor pra mim. E é bom, eu me sinto satisfeita e tenho muito apoio da minha família. Hoje eu me sinto outra pessoa, com ideias mais claras e sinto que estou sendo guiada e, tenho certeza das coisa que eu faço. Às vez condo eu me sinto mal eu peço ajuda de Deus e aí eu sinto que é um dom mermo que Deus me deu, eu sinto que alguém me ajuda e fico bem de novo sem me aperrear.

Capítulo
IX



HISTÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE OS ENCANTADOS

9.1 Histórias do Zé Biinha, meu pai e liderança de Mangue Alto, sobre a Mãe D'Água



Zé Biinha.
Foto: acervo da autora.

a) O siri encantado

Dois pescadores pescavam no lagamar, quando avistaram um grande siri. Um deles, rapidamente, jogou a tarrafa por cima para pegar o mesmo, mas, ao levantá-la, viu que não havia pegado nada e que o dito siri já estava entrando mais para o fundo da água. O outro pescador fez o mesmo que seu amigo, mas também não conseguiu e, à medida que iam tentando, o tal siri mais e mais adentrava para o fundo do rio. Os dois amigos, já com água na altura da cintura, se entreolharam desconfiados, pois parecia ter algo errado. Saíram para o seco e, em conversa, chegaram à conclusão de que aquele siri não era um siri como outro normal, mas sim que era a Mãe D'Água que se engraçou dos pescadores e estava tentando encantá-los. Os mesmos, desanimando-se com o ocorrido, desistiram da pescaria naquele dia e foram embora para suas casas.



Imagem: acervo da autora.

b) O segredo da pedra



Imagem: acervo da autora.

Certa vez, um velho pescador foi pescar sozinho no mar. Em pouco tempo, ferrou um peixe e, depois de muito trabalho, conseguiu trazê-lo para cima da embarcação, mas, ao chegar acima, teve uma surpresa, pois percebeu que, em vez de ter pegado um peixe, havia pegado uma simples e feia pedra. O pescador, muito zangado por ter-se enganado, sem pensar, logo jogou a pedra, que, ao cair na água, se transformou em fogo e, ao afundar, foi-se transformando em muitos e compridos cabelos e, ainda no meio desses, apareceu a ima-

gem de uma mulher que logo mergulhou e sumiu nas águas salgadas do oceano. O pescador, desorientado com o que viu, não sentindo nem mais vontade de pescar, retornou para a terra. Ao chegar ao seco, contou o que aconteceu na sua viagem. Alguns dos seus amigos, impressionados com a história, aconselharam ao pescador que buscasse informações ou algum significado para aquilo com um homem estudioso conhecido por alguns deles e que entendia muito sobre pedras do mar. O mesmo também tinha certos conhecimentos sobre encantos. O pescador, curioso e ansioso para saber algum resultado daquela sua visão no mar, seguiu o conselho de seus amigos e foi até o tal homem, contando-lhe tudo que aconteceu. Depois que ouviu tudo, o homem trouxe um grande livro, com aparência de bem antigo e falou para o pescador que, ao passar as páginas do mesmo, ele observasse bem as fotos das pedras que havia nele para ver se alguma delas se parecia com a que tinha pegado no mar. Não demorou muito, e o pescador reconheceu a figura da pedra da sua pescaria. O homem ainda lhe mostrou a figura de duas bonitas mulheres, e o pescador, assim que viu, também reconheceu a imagem da moça que apareceu logo que ele atirou a tal pedra na água. Com as revelações do pescador, o homem então decifrou o significado da sua pescaria dizendo: “A moça que você viu no mar era a Mãe D’Água. E a pedra que o senhor pegou era um valioso diamante que ela estava lhe dando de presente para que você ficasse rico para o resto da sua vida e, assim, nunca mais precisasse trabalhar tão pesado para sustentar sua família”. Então o pescador, ao ouvir tudo isso, voltou para casa muito triste, nunca esqueceu e muito menos se conformou em ter desperdiçado tamanha riqueza.

9.2 A cobra (Mãe D'Água) que se mudou, contado por Geraldo Trajano, meu avô e liderança de Mangue Alto



Geraldo Trajano.

Foto: acervo da autora.

Um homem, mexedor de farinha, na época das farinhas, vinha todas as noites da Mãe Cosma para o outro lado do lagamar cumprir com sua função. Numa madrugada, quando vinha, ouviu num baixo perto de um córrego do lado do caminho por onde passava uma quebradeira no mato com uns fortes assopros como se fosse gado, mas ele estranhou porque, nesse tempo, não existiam tais animais nessa região.

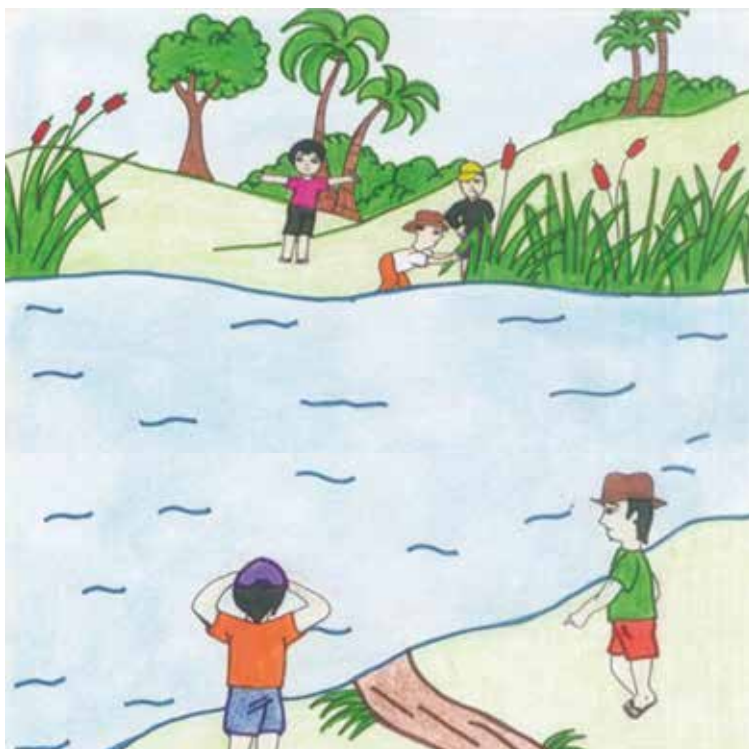


Imagem: acervo da autora.

O homem foi embora e, mais tarde, quando voltou, lembrou-se de olhar naquele local para ver se descobria o que havia passado por ali e se assustou com o que viu. No lugar onde passou o barulho, o mato estava todo amassado com o rastejado de uma grande cobra. Chegando a casa, contou o que ouviu e viu, e logo se reuniu uma tropa de homens para seguirem o rastro dela. Ela atravessou o lagamar onde deixou só o arrastado na lama, seguiu rumo à Lagoa Mãe Isabel, onde entrou e saiu do outro lado, indo em direção da Lagoa a Batedeira. Lá ela entrou, mas não encontraram o rastro de saída dela. Os homens rodearam toda a lagoa, mas só tinha rastejo de entrada e não de saída. Daí então, essa lagoa nunca secou e começou aparecer encantos lá de vez em quando, já a árvore de onde essa cobra saiu, com pouco tempo, secou e morreu.

9.3 O Assobiador, contado e vivido por seu Sabino, liderança de Varjota

Uma reis, eu rapaz e o cumpade Zeca rapaz, nesse tempo nós morarra lá no Aguapé e nós rinhemo pra cá pra Rajota. Condo foi já umas hora, já tarde da noite, nós roltemo... condo nós cheguemo ali no corgo do Gino, ali na Vila, um assobiador assobiou longe no rumo do lagamar. Aí o cumpade Zeca, toda rida foi um rapaz besta, desalmado disse:

— *Sabino, aquilo é o assobiador! Agora nós ramo chamá-lo, ramo assobiar também pra nós pegá-lo, pra nós rê o que é isso.*

— *Pois ramo!*

Aí ele assobiou. Condo ele assobiou, aí ele respondeu longe. Aí ele assobiou de norro, aí ele já respondeu mais perto. Condo ele assobiou de norro, aí o cabra já tarra incostado de nós. Do corgo do Gino pra frente o camim era por dentro dum capãozão de mato que tinha pra sair lá fora nos morro, que chamarro Tomé. Hoje num tem mais praquê acabou-se tudo, tá tudo diferente... e ele assobiando e esse assobiador assobiando... que condo nós saímo fora nos morro, aí o cumpade Zeca disse:

— *Sabino, rapaz, rumbora apertar que se esse bicho vier pra cima de nós, nós pega.*

Aí se pusemo em pé e fiiiu, fiiiu... ele fazia era abanar aqui na nossa cara! Vuuu, vuuu! E nós ispiarra e via lá nada! É um incante que parece que o camarada num veja mermo. E a noite culara, que era mermo que o dia. E só se ouvia, fiiiu, fiiiu, fiiiu... aí rirou uma coisa. E ele só passando na nossa cara e nós pelejarra pra pegar, pegar o quê? E demoremo quais duas hora lá pelejando com esse tal assobiador, inté que parece que o bicho discunfiou do rabo e fiiiu, voou, foi simbora.

Mas num pega não! Aquilo é um incante mermo! (perguntei se ele não teve medo)... não, eu num tirre medo dele não!

9.4 A origem do Assobiador, contada por D. Teresa Ferreira, minha mãe e liderança de Mangue Alto



D. Teresa Ferreira.
Foto: acervo da autora.

Existia um homem que só tinha um filho e, por isso, nunca lhe deu sequer uma pequena palmada. Um dia, os dois foram até a cidade comprar carne. Como ela ficava um pouco distante de casa, ao chegarem lá, já não encontraram mais a carne que pretendiam e, por isso, só compraram um arrastado (a cabeça com tripas, bofe, coração, etc.) de um carneiro que encontraram. Como já estava tarde, decidiram parar em algum lugar que vendesse comida pronta para almoçar. E assim fizeram. Mas, na hora do almoço, o jovem rapaz acabou se engasgando, e o pai, preocupado, vendo o sufoco do filho, sem pensar muito no que fazer, numa atitude repentina, deu-lhe uma pequena pancada nas costas, conseguindo assim desengasgar o rapaz. Na hora, o filho não falou nada, mas, no caminho de volta para casa, só conse-

guia pensar na vergonha que seu pai o tinha feito passar por ter-lhe batido na frente de todos que estavam no local do almoço. Revoltado e inconformado com a atitude do pai, decidiu matá-lo e enterrar o corpo naquele caminho deserto. Após ter cometido tal ato, pegou o saco com o arrastado que havia comprado com seu pai e foi embora como se nada tivesse acontecido. Chegando a casa, logo a mãe perguntou-lhe pelo pai. O rapaz respondeu, dizendo que ele tinha ficado na cidade e que só vinha mais tarde. A mãe achou aquilo estranho, mas, confiando na palavra do filho, pegou o saco da compra da cidade e levou-o até a cozinha para cuidar. Mas, ao abrir o tal saco, teve uma grande surpresa. Em vez de encontrar a cabeça do carneiro que tinha sido comprada no mercado da cidade, encontrou a cabeça do seu marido. Vendo aquilo, a mulher tomou um enorme susto, chamou o filho e acusou-o de ter matado o próprio pai. Também o denunciou logo para a polícia. Depois de muito tempo preso, acabou desaparecendo da cadeia.

Dizem que o seu sumiço ocorreu pelo fato de ele ter se arrependido em ter assassinado o próprio pai e, por isso, se encantou em um passarinho, e assim, fugindo da prisão. Dizem também que, como pagamento da sua pena, ele anda com o pai nas costas e, quando se cansa, coloca o mesmo no chão dando um grande assopro que se transforma em um longo e fino assobio.

Esse, para quem já o viu, diz que ele aparece como um pássaro grande e preto de olhos bem vermelhos. O mesmo costuma aparecer mais no período do inverno, nas noites escuras e chuvosas. Tem como característica principal o assobio, sobre o qual o próprio nome já diz tudo, pois o mesmo tem um assobio muito fino e demorado.

9.5 O Assobiador, contado por Zé Biinha



Imagem: acervo da autora.

Certa vez, um homem chamado Zé Mundico estava num lugar chamado Capeba e tinha que voltar para o seu lugar, que era no Jardim. Já era noite e, na saída da casa onde estava, ouviu muito longe o assobio do Assobiador. Ele, já sabendo das proezas de tal ser, pensou consigo: “Eu vou apressar o meu passo pra ver se o Assobiador não me alcança até eu chegar ao Jardim”.

Mesmo sabendo do que aquele ser encantado era capaz de fazer, resolveu imitar o seu assobio e saiu correndo em disparada, pensando que ele não ia alcançá-lo até chegar a sua casa, mas seu pensamento foi em vão, porque não demorou muito e ele ouviu o tal assobio fino já bem mais perto.

Aí foi que ele correu, mas novamente o assobio se aproximou mais. E assim foi seguindo e cada vez chegando mais perto. Correu, correu, correu, e aquele som agudo e assombroso se aproximava mais e mais. O pobre do homem, já quase morrendo de cansaço e medo, só teve tempo de entrar em casa, pois, ao fechar a porta, o Assobiador esbarrou na mesma e deu um assobio tão fino que ele ficou tonto. E ainda deu mais três assobios ao redor de casa. Zé Mundico, bem quietinho dentro de casa apavorado, ouvia tudo sem se mexer, mas, sem querer acreditar, começou a perceber que o assobio, aos poucos, se afastava dali. Foi se afastando, se afastando, até que teve a certeza de que o Assobiador estava indo embora. Aliviado, respirou fundo e agradeceu a Deus por ter escapado daquele susto, mas também teve como grande lição que nunca se deve duvidar dos encantos da natureza, muito menos imitar assobio do Assobiador.

9.6 O Assobiador, contado por Geraldo Trajano



Imagem: acervo da autora.

Geraldo Trajano era um pescador que costumava pescar de tarrafa no lagamar, nas lagoas, quase todas as noites, e, geralmente, ouvia ao longe um assobio. Uma vez estava pescando no Córrego do Gino,²⁰ sozinho, quando já estava se preparando para ir embora, o tal assobio soou mais ou menos na antiga passagem do lagamar. Ele pensou consigo que, se apressasse o passo, chegaria ao Amaro,²¹ onde morava, antes do misterioso Assobiador.

Sem perder tempo, mais do que depressa, enrolou a tarrafa e caminhou no rumo de casa, mas, quando passou para o outro lado do lagamar, ouviu o assobio já mais perto. Não desanimou da corrida e prosseguiu sua viagem, e cada vez mais o misterioso assobio se aproximava.

Quando ele foi chegando a uma lagoa que ficava bem próxima da sua casa, ouviu o assobio já passando da lagoa. Aí ele ficou com um pouco de medo, mas continuou sua jornada para casa, conseguindo chegar em paz. Entretanto, compreendeu que, com essas coisas de encanto, ninguém deve tentar desafiar.

9.7 A origem do Caipora, contada por D. Rita Tó



Imagem: acervo da autora.

²⁰ Lugar de água própria para a pesca na região de demarcação de terras indígenas Tremembé, em Itarema.

²¹ Lugar de árvores no município de Itarema.

Antes de ser esse mito Encantado, dizem que o Caipora era um simples menino caçador que gostava muito de animais. Um dia, saiu com seus cães caçadores pela mata em busca de alguma caça. Nesse dia, andou muito mata adentro e, lá pelo meio da floresta, começou a ver muitos bichos diferentes e interessantes: preá, cotia, veado, tamanduá, gato-do-mato, tatu, e outros, ficando bastante admirado que até esquecesse que estava caçando e cada vez mais se embrenhava na mata, observando aqueles encantadores animais. Distraiu-se tanto com tais bichos que, ao lembrar-se de voltar para casa, não conseguiu mais encontrar o caminho para retornar. Tentou, tentou, mas não conseguiu lembrar o caminho de voltar. Continuou andando e cada vez mais se perdia, até que chegou ao reino dos cachorros e, junto com o reino dos outros animais, acabou se encantando e assim se tornando o rei e protetor dos bichos e da mata.

9.8 A origem do Caipora, contada por Geraldo Trajano



Imagem: acervo da autora.

Numa noite, um caçador chamado Geraldo Trajano saiu pela mata para caçar com seus cachorros e seu compadre Raimundo Rosa. Andaram, andaram, mas ainda não haviam matado nenhuma caça, quando, de repente, do nada, no meio da mata, ouviram uma enorme e estrondosa gargalhada bem perto deles e dos seus cachorros. Eles ficaram ali parados, não sentiram medo, mas a risada continuou. Como já conheciam as histórias do Caipora, entenderam que só poderia ser ele e que, naquele dia, não era apropriado para caçar. Assim, chamaram os cachorros, que já se encontravam todos acuados e rapidamente retornaram para casa, deixando a caçada para outro dia, mas nunca esqueceu aquela gostosa gargalhada que ouviu do Caipora

9.9 Caipora ou Surrupira



Imagem: acervo da autora.

O primeiro marido de D. Maria Bela chamava-se Luís. Certa vez, ele convidou uns amigos e foram caçar na mata. Chegando lá por umas alturas, um tatu passou correndo na frente deles. Assim que Luís avistou-o, disse:

— Olha um tatu! Essa é caça do caipora!

Dizendo isso, foi logo atirando no bicho. Mas, quando o tiro bateu nele, apareceu foi um negrinho no lugar do tatu e disse aborrecido:

— O meu nome não é Caipora, é Surrupira!

E, em seguida, também pediu fumo pra eles. Para o azar deles, os mesmos não tinham fumo naquele momento.

No mesmo instante, Surrupira incorporou em Luís de quem ele já estava zangado por tê-lo chamado de Caipora.

O homem logo se transformou, querendo rasgar a própria roupa. Com muita peleja, os seus amigos conseguiram trazê-lo pra casa, onde deu bastante trabalho, mas D. Maria Bela conseguiu fazê-lo sair do corpo do seu marido.

Segundo ela conta, se os seus amigos não o trazem logo para casa, aquele espírito das matas tinha-o matado com raiva por ter sido chamado de Caipora. Pois ele não gosta desse nome. Quer que o chamem de Surrupira ou Caboclo do Mato.

9.10 Botija contada, por Geraldo Trajano



Imagem: acervo da autora.

Quando era criança, Geraldo Trajano sonhou com uma mulher de vestido longo, todo preto cobrindo os pés, dando-lhe um potinho de dinheiro. A mulher lhe mostrava que o dinheiro estava enterrado debaixo de um cajueiro na beira do lagamar e dizia que era pra ele e sua irmã Maria.

Quando acordou, contou para seu pai, que disse:

— Meu filho, essas coisas a gente não conta, que, depois de sonhar duas vezes, na terceira noite, você recebe todas as informações para desenterrar o dinheiro.

Passou o tempo, e ele não sonhou mais com tal coisa.

Um dia, Geraldo foi com sua mãe para uma missa nos Patos. Na hora em que o padre chegou à igreja, ele viu, disse:

— Mamãe, essa é a mulher que sonhei me dando dinheiro!

Sua mãe respondeu:

— Não, meu filho, você se enganou, aquele é o padre que veio rezar a missa!

Ele insistiu dizendo que tinha certeza do que estava falando, aquele era sim a mulher que lhe tinha dado o pote de dinheiro em sonho.

Depois de muito tempo, ele soube que um conhecido seu havia sonhado com a mesma mulher lhe dando dinheiro e indicava o mesmo local. Soube também que este que sonhou foi com outro lá no lugar indicado e quase arrancaram o cajueiro, mas nada encontraram. Quem soube do acontecido disse que eles não conseguiram achar a botija porque foram com muita ambição.

9.11 A Botija, contada por Maria Laurindo (D. Biinha), minha avó, liderança de Mangue Alto



D. Maria Laurindo (Dona Biinha).
Foto: acervo da autora.

Conta D. Biinha que seu tio, Zé Quitéria, era um velho pescador que, por não ter com que gastar o seu dinheiro, enterrou-o num coquinho dentro de casa sem que ninguém soubesse ou desconfiasse. Passado um tempo, uma sobrinha sua, chamada Rita, foi dormir e sonhou com ele lhe dando seu dinheiro e lhe dava todas as informações de onde a Botija estava.



Imagem: acervo da autora.

No outro dia, assim que ela acordou, falou pra ele do seu sonho, mas ele, contrariado, disse que não sabia de dinheiro nenhum. Rita ainda insistiu, dizendo que sabia que o dinheiro estava enterrado dentro de um coquinho, perto de um enchimento, quase debaixo da rede em que ele gostava de se balançar. Cada vez mais, Zé Quitéria ficou aborrecido e negou tudo.

Rita, percebendo sua chateação, deixou a história pra lá e não tocou mais nesse assunto com ele. Algum tempo depois, se soube que ele mudou o esconderijo da sua Botija, mas nunca mais ninguém ficou sabendo onde ele a escondeu novamente e se, algum dia, deu para alguém.

9.12 A Botija do Muricizeiro, contada pelo Sr. Sabino de Varjota

[...] Finado Niquião morreu. Eu nunca vi, cumpade Nêu nunca viu, nós nunca vimos esse home. Eu rapaz, cumpade Nêu já era casado. Aí uma noite, a boca da noite, ele deu ali um trespassso, condo chegou um home e foi e disse que ele era o Niquião de Almofala, tinha vindo dá aquele dinheiro, um haver a ele e era pra ele ir arrancar. Aí disse logo bem direitinho: lá no corgo do Mané Sale, lá na frente, nos muricizeiro tinha um formigueiro. Lá tinha um pé de muricizeiro, nesse galho que vinha pra cá pra estrada, lá que foi interrado um tacho de dinheiro e em cima do tacho, o que tinha era um candieiro. Era a primeira experiência que o tacho tava embaixo... mas ele fosse e esse dinheiro era pra ele e pra mim. Aí ele disse: — Não, ele num rai não! Ele num quer não! O cumpade Nêu toda rida teve medo de alma, sabe. Com tudo ele se assombrarra. Aí condo foi na outra noite, ele bateu de norro. Era pra ele ir e contou do mermo jeito.

Condo foi de dia, ele foi lá para o Barro Vermelho. Aí ele foi aqui por a dita estrada aqui do Mané Sale com o beco do finado Bento... aí ele foi passando, viu o dito... pra ele, se ele fosse com a mão, ele arrancarra e discubria. Só que ele com um medo danado, que ele num ia arrancar nada mermo... condo foi na outra noite, ele bateu de novo. Era pra ele ir... - Ele num rai de jeito nenhum e, se rocê vier de norro, eu lhe digo umas coisa pirigosa. Rocê pode roltar, num quero não! É praquê ele num quer mermo! Não mas... — Quero não! Também aí ele num veio mais.

Aí com uns mês, foi que o cumpade Nêu me disse... eu digo: — Tu é doido é macho?! Praquê tu num me disse que nós tinha ido rapaz! Ou eu tinha ido só macho, tu é doido?! E aí ele disse: — Tu tinha ido mermo? ... ora tinha macho! Ele num ia cumer nós, num ia morder a gente...!

9.13 O Menino vaqueiro, contado por Teresa Ferreira

a) A origem

Era um menino que gostava muito de animais, de família pobre e que, muito cedo, ficou órfão de pai e mãe. Um fazendeiro, sabendo desse ocorrido, adotou o menino que havia ficado. Só que, na realidade, não o adotou para criá-lo como filho, mas sim com a intenção cruel de explorá-lo.

Assim que o pobre e órfão menino chegou à fazenda, o tal dono deu-lhe a ordem de ser o vaqueiro de todos os seus animais, e ainda disse para ele que, no dia em que sumisse algum de seus bichos, só era para o menino voltar para casa quando encontrasse e trouxesse o tal animal. Até que, certa vez, sumiu um dos bichos do seu patrão, e o menino logo saiu à sua procura. Procurou um dia, procurou dois dias, três dias e, não tendo nenhum sucesso na sua procura, sem poder voltar pra casa pensando no castigo que teria, ficou perambulando pela mata e, de tanto passar fome e sede, acabou morrendo. Depois de muito tempo, seu corpo foi encontrado na mata.

A partir daí, muitas pessoas se compadeceram de sua história e, de vez em quando, ofereciam velas acesas a ele devido ao mesmo ter morrido no escuro. Assim, o Menino Vaqueiro virou lenda, crença e, até hoje, costuma ajudar a quem acredita no seu poder e busca sua ajuda lhe oferecendo luz como recompensa.

b) A cabra sumida



Imagem: acervo da autora.

Quando ainda moravam no Jardim, Seu Zé Biinha e dona Teresa tinham uma criação de cabras. Certa vez, sentiram falta de uma delas. Saíram pela mata procurando, foram pela vizinhança, mas não a encontraram. Passados alguns dias e nada de o animal aparecer, lembraram-se dos poderes do Menino Vaqueiro e logo se valeram dele para ajudá-los a encontrá-la. Quando foi já tarde da noite, nesse mesmo dia, já estavam deitados para dormir, quando ouviram os berros de um animal. Os dois se levantaram e foram verificar que bicho seria aquele e tiveram a feliz surpresa de verem que era a cabra deles que havia sumido. O mais interessante é que ela

chegou com um pedaço de corda amarrada no pescoço como se a mesma estivesse presa em algum lugar e alguém a tivesse propositalmente soltado para que essa pudesse voltar para seus verdadeiros donos.

Felizes, botaram a cabra para o chiqueiro e, em seguida, encheram uma lamparina de gás e colocaram acesa em um lugar reservado para o eficiente Menino Vaqueiro, pois tiveram a certeza de que tiveram sua ajuda para que aquele animal voltasse para casa tão rapidamente.

9.14 O Porquinho corredor



Imagem: acervo da autora.

Seu Zé Biinha conta que ele e dona Teresa, há muitos anos, vieram embora de Jardim para Mangue Alto, mas nunca deixaram de criar animais de pequeno porte como galinha, pato, capote, porco, etc.

Outro dia, compraram um porquinho e assim que trouxeram para casa botaram o mesmo no cabresto. Por não estar acostumado, o porquinho logo se enganchou todo, e, por isso, Seu Zé Biinha soltou-o por uns instantes, mas ficou pastorando para que não fugisse. Numa pequena distração de Seu Zé Biinha, o animal sumiu. Procuraram, procuraram por todo o quintal, mas não o encontraram. Como já era quase de noite, se tornou mais difícil ainda de achá-lo. Seu dono, muito chateado, saiu até um vizinho mais distante para recomendar que pegasse o seu porquinho, caso o visse por lá. No caminho, quando ainda ia, lembrou-se do Menino Vaqueiro e da fé que tem no seu poder e, sem pensar duas vezes, no mesmo instante, pediu-lhe ajuda, oferecendo-lhe luz como recompensa. De casa, também preocupada, dona Teresa lembrou e fez a mesma promessa ao vaqueirinho dos animais.

Quando Seu Zé Biinha chegou em frente à casa do tal vizinho, ficou ali parado com medo de se aproximar devido aos cachorros que tinham lá. De repente, mesmo no escuro, viu o vulto do porquinho saindo do cercado do dito vizinho. Mais que depressa, saiu devagar, seguindo o porquinho fujão, que, por ser muito corredor, deu-lhe muito trabalho, mas conseguiu pegá-lo sozinho, aliás, segundo ele, só com a ajuda do Menino Vaqueiro.

Chegando a casa, Seu Zé descobriu com sua mulher que, sem combinarem, haviam feito duas promessas para o Menino Vaqueiro. Eles acreditam que deve ter sido por isso que ele agiu tão rápido, dando um jeito de colocar o animal bem na frente de seu dono. Sem perder mais tempo, os dois acenderam as luzes que prometeram para aquele vaqueirinho.

9.15 O Guajara, contado por D. Maria Bela

a) A surra

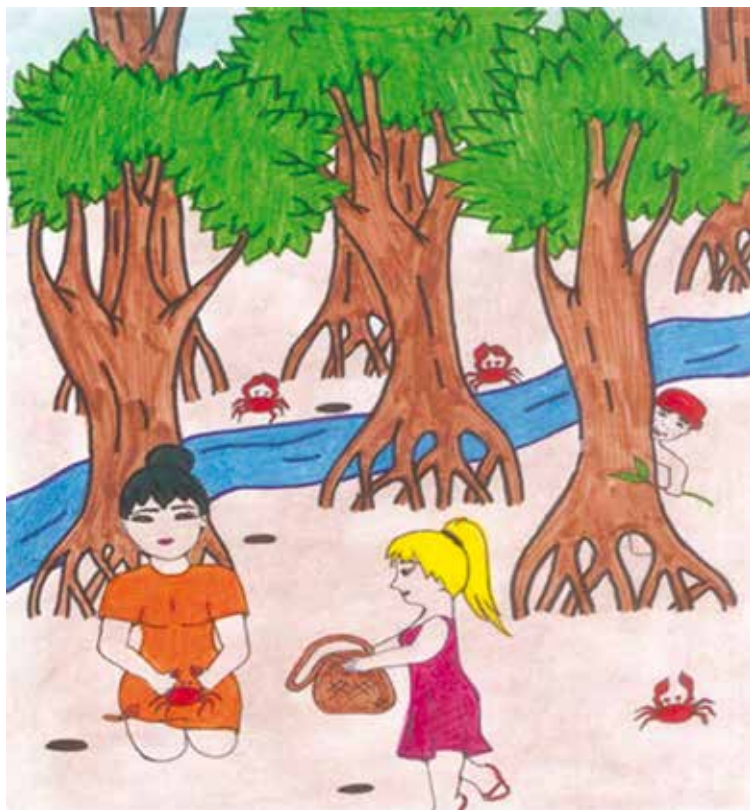


Imagem: acervo da autora.

Quando ainda era criança, D. Maria Bela, uma vez, foi com sua mãe pescar no mangue. Com pouco tempo que estavam pescando, ouviram umas gargalhadas. Como toda criança curiosa, ela perguntou pra sua mãe o que seria aquilo. Sua mãe logo mandou que ela se calasse que aquilo era o Guajara.

Continuaram pescando, mas, de repente, ela começou a se sentir mal, com muita dor no corpo e com febre. Como já haviam pegado boa quantidade de caranguejos, as duas foram embora. Em casa, D. Maria Bela continuou doente, até que sua mãe mandou chamar o pajé João Cosmo. Ao chegar, ele rezou nela, depois disse que ela havia era levado uma surra do Guajara. Logo ela se espertou e ficou boazinha.

b) As artimanhas

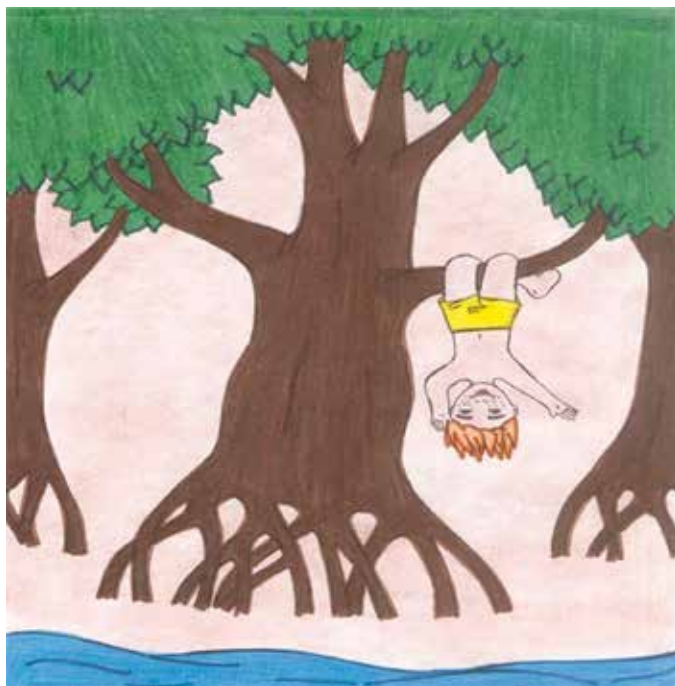


Imagem: acervo da autora.

Certa vez, um homem conhecido por Raquim Rufino, primo de D. Maria Bela, foi no mangue tirar uns mourões. Depois que terminou, vinha saindo do manguezal quando, de repente, se deparou com um pequeno homenzinho pendurado pelos pés no galho de um pé de mangue e foi logo lhe dizendo:

— Mel! Me dá mel!

O homem logo pensou que aquele só podia ser o Guajara e que o mel que ele pedia só podia ser fumo do que ele gosta muito. A sorte é que, naquele momento, ele andava com fumo e disse-lhe:

— Tá aqui! Vem buscar! E deixou o fumo lá e rapidamente foi embora.

Mas, antes de sair do mangue, ainda sentiu um medo que suas pernas pesaram e até os mourões ele deixou para trás.

Outra vez, um rapaz foi para o mangue quando deu de cara com ele. Dessa vez, estava com chapéu de couro e tinha sarnas pelo rosto. Quando o rapaz percebeu que era o Guajara, foi logo voltando e fazendo carreira. E ele, sem perder tempo, correu atrás do rapaz até dentro do mar, onde dizem que ele não entra. Somente lá foi que o rapaz conseguiu escapar dele e foi embora.

Nesse mesmo mangue, Antônio, irmão de D. Maria Bela, uma vez, foi procurar uns jumentos seus que estavam por lá. Numa altura do caminho, encontrou um conhecido seu que lhe disse que tinha visto seus animais ali perto. Antônio seguiu para a direção indicada. Quando ele olhou para baixo, lá se vinha alguém com um chiqueirador na mão correndo atrás de seus jumentos. Ele parou e observou um pouco pra ver se conhecia aquela pessoa, mas logo pressentiu que se tratava do Guajara. Sem mais esperar, voltou na carreira pra casa, deixando para pegar seus animais num outro dia.

9.16 O homem que se assombrou com um lobisomem e fez seu amigo também se assombrar, recolhida por Getúlio



Getúlio.

Foto: acervo da autora.

Certa vez, havia dois amigos, Geraldo Trajano e Zé Marçal. Os dois moravam na Varjota. Certo dia, Geraldo Trajano precisou comprar umas rapaduras para levar para o serviço. Então resolveu convidar seu amigo Zé Marçal para ir com ele até a casa de Hortêncio Romão, que morava no Curral do Peixe, pois lá se vendiam rapaduras.

Saíram os dois amigos de tardezinha. Atravessaram o lagoamar e, à boca da noite, chegaram à casa do Hortêncio. Bateram na porta, e a mãe de Hortêncio atendeu-os. Perguntaram para a velhinha se tinha rapadura, e ela disse que não tinha. Eles só encontrariam a mercadoria desejada na casa do Lourival, que morava no Panã, lá tinha uma bodega.

Os dois pensaram em voltar, mas resolveram seguir em frente e comprar as rapaduras. Pegaram a estrada rumo ao Panã e logo chegaram à bodega do Lourival. Ao chegarem à casa, fize-

ram a compra, conversaram um pouco e pegaram o caminho de volta para a Varjota.



Imagem: acervo da autora.

Assim que pegaram a estrada de volta, Zé Marçal que ia à frente, de repente, especeu e foi logo dizendo:

— Geraldo, vamos voltar que aqui tem um bicho! E foi logo se agarrando com seu companheiro Geraldo.

Geraldo Trajano, como era mais corajoso, perguntou:

— Cadê esse bicho, Zé Marçal? E, quando olhou para frente, viu o bicho, preto e com orelhas compridas parecidas com as de um jumento, abaixado na beira do caminho.

Geraldo disse para Zé Marçal:

— Nós vamos passar! E jogou areia no bicho que não se mexeu.

Geraldo Trajano quis quebrar um pau para bater no bicho, mas Zé Marçal não deixou e cada vez mais se agarrava na cintura de seu amigo e dizia:

— Vamos voltar, Geraldo, pelo amor de Deus!

Geraldo seguiu em frente com o Zé agarrado a sua cintura, e, quando passaram pelo bicho, o mesmo balançou as orelhas, que fez um enorme barulho, saiu num galope e foi embora.

Durante o caminho para a Varjota, Zé não soltou a cintura de Geraldo que, em certo momento, arrepiou-se todo e acabou se assombrando também.

9.17 O Lobisomem, contado por Luís Tó



Luís Tó.

Foto: acervo da autora.

a) O rapaz que queria ver o LobisOMEM

Quando era um jovem rapaz, Luís Tó, às vezes, dizia que gostaria de ver um lobisOMEM. Em uma noite escura, voltava da casa de uma namorada. O caminho era esquisito. Ao passar perto da lagoa do metal, num certo areal, quando foi passando por perto de uma moita, próxima de um capim açu, avistou um bicho atrás da moita. O bicho parecia um jumento, era preto, cabeludo como um cachorrão e corcunda. Assim que viu o bicho estranho, já foi dizendo:

- É hoje que nós se travamos na faca!



Imagem: acervo da autora.

Dizendo isso, rapidamente, tirou a blusa, botou no ombro, puxou a faca do quarto e partiu para cima do bicho. O tal lobisOMEM, numa velocidade imediata, do lugar que tava só deu um enorme pulo e sumiu misteriosamente.

Luís Tó, sem entender muito de lobisomem, ou o que tinha acontecido, saiu procurando o monstro, mas não o encontrou. Procurou, procurou e não o viu mais em nenhum lugar por ali. Vendo que não o achava mesmo, seguiu seu caminho e foi embora sem sentir medo nenhum.

No outro dia bem cedo, voltou no local do encontro e, chegando lá, fora o seu próprio rasto, não tinha marca, vestígio ou rasto de outra coisa. Daí então, ele não teve mais dúvida de que tinha mesmo se encontrado com um lobisomem. Por que dizem os mais velhos que esse bicho nunca deixa rasto porque é Encantado, ou coisa do outro mundo.

b) A corrida do Lobisomem

Antônio Tapera era um homem que diziam virar Lobisomem. Uma vez, um rapaz vinha da casa da namorada, numa noite muito clara. Vinha tranquilo, numa estrada longa que atravessava um matagal por onde hoje passa a empresa Ducoco.

Quando foi chegando próximo de um juazeiro, ouviu para trás uns tropeços. Imediatamente ele encostou-se na árvore, mas o bicho já chegava e saltava para o pegar. Ele, com a faca na mão, salta pra aqui, salta pra acolá, tentando se defender, e o bicho pega, não pega, não lhe dava a menor trégua. Até que, por umas alturas da luta, o rapaz acertou-lhe a faca. Assim que a arma riscou-lhe, ele sumiu. O rapaz ainda o procurou, procurou, mas nada de Lobisomem. Então o homem, um pouco atordoado, com aquela surpresa inesperada e desagradável, foi embora.

Depois de alguns dias, o rapaz soube que Antônio Tapera andava mancando e comentando que, na noite em que sua faca o acertou, logo que ele levantou-se da moita onde havia caído. Correu muito para ainda alcançá-lo, mas aquele rapaz era muito ligeiro e correu mais. Mas, mesmo assim, no instante em que o homem entrou em casa que fechou a porta ele, virado Lobisomem riscou no terreiro, mas não mais o alcançou.



Imagem: acervo da autora.

9.18 O Lobisomem, contado por Seu Sabino, liderança de Varjota

Mané Quitera foi pagar uma promessa no Canindé, de pé, eu fui inté mais ele, fumo pagar uma promessa no Canindé. Eu, o papai, a tia Rosa... foi um bocado de gente, fumo tudim de pé e cumo nesse ente, ele também ia. E aí dizendo ele... me chamarra de Paricêro. Óia Paricêro, ele tá indo pagar essa promessa, tu quer saber por quê?

Ele tinha um avô que insinou ele rirar lubisome, rirar bicho. Ele num acreditarra, mas...e aí cumo é que é? - Você

vá lá no espojeiro dum jumento, onde o animal tiver se rolado. Lá você tire a roupa, fique só de cueca e se deite lá em riba do espojeiro e se role como um animal e desconjure do seu pai, rolou pro outro lado, desconjure da sua mãe... de cada pessoa da famia você desconjure. E talvez num chegue nem a desconjurar de tudo. E condo for na hora de desvirar, ele volta novamente para o mermo ponto e faz de novo só que tudo pelo avesso...

Ele num acreditou, mas ele foi... chegou lá, tirou a roupa, deitou-se no chão, lá. Virou-se para um lado, virou para o outro, do mermo jeito. Condo virou do outro lado, ele só disse três palarra: pai, mãe e padrim de vela...condo ele só sintiu foi um nêgo saltar no espinhaço dele. Escanchou-se em riba...aí ele incuiou-se. - Meu Paricêro, se eu lhe contar... aí num teve mais inrasco, aí num teve mais inrolada. Aí ele desceu de pau abaixo, no rumo do Itarema. Ele correndo aí no incenso dele, ele num tava concentrado. Condo ele chegou numas altura, pra ele, ele ia voando, passava...ele no incenso dele, lembrou-se de se valer de S. Francisco, que tirasse aquela involtura de riba das costa dele. Se ele retornasse pra ser gente como ele era, ele ia dar uma esmola a S. Francisco, visitar ele e ia mais de pé. Condo ele disse isso, o negoço pá... e ele riscou. Pararo já numa tal de Areia Vermelha... que eu num sei onde é que fica a distância. E aí ele tava indo pagar a promessa por conta disso.

9.19 As histórias da Bruxa contadas por Luís Tó

a) A moça que virava bruxa

Existia uma moça que vivia muito amarela e não tinha remédio que a curasse. Mesmo assim, ela costumava sair todas as noites de quinta para sexta feira. Os pais delas desconfiavam, mas nunca sabiam para onde ela ia porque sempre saía sem que ninguém percebesse. Mas, um dia, a mãe dela foi olhar na sua rede, e ela não estava mais lá. Como já era tarde

da noite, a mulher pediu que um rapaz fosse atrás da moça para vigiá-la.



Imagem: acervo da autora.

Quando o rapaz saiu, viu a moça, numa encruzilhada, desconjurando-se dos pais e, em seguida, virou-se num bicho muito feio. O rapaz viu quando ela deixou sua cabeça no chão e saiu correndo e guinchando. O rapaz foi devagar, pegou a cabeça da moça, subiu numa árvore e ficou esperando até que ela voltasse. De repente, ela chegou e foi direto procurar sua cabeça. Procurava, procurava, mas não encontrava. O dia já estava perto de amanhecer, e ela ficava cada vez mais desesperada. Até que o rapaz, vendo toda aquela agonia, jogou a cabeça, que acabou caindo bem em cima dela, mas ficou virada com a frente para trás e, desse jeito, ela foi embora.

No outro dia, quando sua mãe foi olhar na rede, viu que a moça ainda estava deitada, porém, com a cabeça virada para trás, a qual nunca mais se ajeitou. Assim a moça deixou de virar Bruxa, mas a sua cabeça ficou sempre ao contrário do que era antes.

b) O marido da Bruxa



Imagem: acervo da autora.

Dois casais de amigos casaram-se e foram morar em casas próximas. Um deles era um pouco dorminhoco, e, por ali, começou a correr um bicho. O povo começou a comentar, dizendo que era a sua mulher que estava virando bruxa, pois, todas as noites de quartas e sextas-feiras, o bicho corria, e o barulho sempre saía daquelas proximidades.

O homem, sabendo dos boatos, decidiu pastorá-la sem que ela desconfiasse de nada. Fez que tava dormindo, e, altas horas da noite, perceberam quando sua mulher se levantou e saiu apressada. Saiu seguindo-a e, lá numa encruzilhada, viu quando tirou a cabeça, se transformou em um monstro esquisito, balançou o rabo e saiu correndo e guinchando como uma burra. Não demorou muito, e ouviu a cachorrada latindo. Ele foi, pegou a cabeça dela e levou para casa. Cansado de esperar, cochilou e, de repente, acordou ouvindo os guinchos dela procurando a cabeça. Ele, mais do que depressa, correu e jogou-lhe a cabeça sem que ela o visse, mas essa caiu ao contrário em cima do seu pescoço, ou seja, os cabelos ficaram para frente, e o rosto para trás.

No outro dia, ela, desconfiada, não se levantou dizendo para o marido que estava doente. Ele, sabendo do que se tratava, chamou uma vizinha de confiança para visitá-la e fazer as coisas de casa. Ao ver aquilo, a vizinha foi conversar com ele para saber o que havia acontecido, e ele, muito tristonho, contou-lhe tudo, dizendo também que estava pensando em deixá-la porque não queria viver com uma mulher que virava Bruxa. A vizinha lhe aconselhou e disse que tinha como ela ficar boa, era só ele esperar que de novo se transformasse e colocasse sua cabeça direito. O homem seguiu o conselho, e, no outro dia, sua mulher já amanheceu com a cabeça ajeitada.

Ele então lhe chamou a atenção, dizendo que só continuaria casado com ela se a mesma deixasse de virar bicho. Como amava muito o seu marido, pediu-lhe perdão e prometeu que nunca mais fazia aquilo. Assim permaneceram casados e por aquela região acabou-se correria de bruxa.

c) Um namorado corajoso

Um rapaz tinha uma namorada que morava distante dele. Com pouco tempo de namoro, soube de uns comentários de que ela estava virando bruxa, portanto ele tomasse muito cuidado com ela. O rapaz disse que não tinha medo e resolveu

vigiá-la. Um amigo dela disse ao namorado onde era o local em que ela se transformava.

Umás horas da noite, ele seguiu pra lá, subiu num cajueiro e ficou aguardando. Com pouco tempo de espera, ela chegou, tirou a cabeça fora e logo estava transformada em um monstro horrível, uma bruxa, a qual saiu guinchando, disparada na carreira. Ele desceu, pegou a cabeça e reconheceu-a, era mesmo a sua namorada. Subiu de volta no cajueiro e ficou esperando-a, segurando a cabeça sem corpo. Depois de algum tempo, o bicho chegou de volta e foi logo procurando o que havia deixado ali. Rodando e guinchando, apressada, procurava a sua cabeça, porque o galo já estava para cantar. O rapaz, bem caladinho de cima do cajueiro, observava toda a cena de desespero daquela coisa horrenda.



Imagem: acervo da autora.

O galo cantou a primeira vez, e ela ficava cada vez mais aperreada, vendo a hora não dar tempo de se desvirar mais e ficar para sempre bruxa. Só depois da segunda cantada do galo, ele jogou-lhe a cabeça e logo voltou a ser a moça bonita que era antes e foi embora sem desconfiar de que alguém houvesse escondido sua cabeça, muito menos de que o seu namorado estava ali vendo tudo.

Após o ocorrido, o rapaz também foi embora, mas, decepcionado, também não a procurou mais. Ela, sem entender o que estava acontecendo, reclamava da sua ausência. Até que, um dia, o pai dela encontrou com o rapaz e interrogou-lhe o motivo de ter-se afastado de lá sem dar nenhuma explicação. O moço, sem querer causar muito constrangimento, contou tudo para ele.

Quando o velho chegou a casa, falou para ela o que havia sabido e, em seguida, deu-lhe uma surra como lição. E essa moça envergonhada, nunca mais quis saber de virar bruxa e quase não consegue arranjar um novo namorado.

9.20 O Rei Sebastião, contado por D. Almerinda, liderança de Mangue Alto



D. Almerinda.
Foto: acervo da autora.

Certa vez, na Volta do Rio, um pescador de tarrafa, conhecido por Zé do Vige, foi pescar na costa do mar à noite. Antes de chegar à praia, de repente, ouviu um tinido, que ele olhou para a beira do mar, lá se vinha uma tocha de fogo na sua direção. Quando ele olhou melhor, percebeu que era um homem montado num bonito cavalo branco, ambos cobertos, arreados de ouro.

O pobre pescador, com medo por nunca ter visto coisa igual, mais do que depressa foi para uma jangada, cavou um buraco debaixo e se escondeu. Não demorou muito e viu que o misterioso cavaleiro estava-se aproximando e rodeando a pequena embarcação. Ficou assim por um bom tempo até que subiu praia acima indo embora. Quando Zé do Vige teve certeza de que ele já ia longe, saiu de dentro do buraco e seguiu depressa na direção contrária à do cavaleiro. Lá numa altura, ainda com medo, olhou para trás para ter certeza de que o homem do cavalo havia ido embora. Mas que nada, o homem já vinha de novo na sua direção e, com a mão acenava para ele, chamando, mandando que ele esperasse.

O pescador, não tendo mais tempo e onde se esconder, desmaiou de tanto medo que sentiu. Só foi encontrado no outro dia, caído na beira do mar, por outros pescadores conhecidos que passavam por ali. Ainda atordoado, contou para seus amigos o que havia acontecido, e estes disseram que o homem de ouro só poderia ser o Rei Sebastião, o tão temido protetor das praias, que, também em histórias parecidas, já havia antes aparecido para outros pescadores.

9.21 Um desencanto que não aconteceu



Imagem: acervo da autora.

Diz D. Maria Bela que um homem estava pescando numa noite na praia, quando, de repente, chegou um homem todo enfeitado de ouro, montado num cavalo e trajado de rei e disse-lhe:

— Boa noite!

O pescador, admirado, respondeu:

— Boa noite!

O homem novamente falou:

— Você veio pescar por quê?

O pescador logo lhe respondeu:

— Porque preciso alimentar a minha família.

O cavaleiro fez-lhe, então, a seguinte proposta:

— Se você quiser enriquecer pra nunca mais precisar pescar, é só levar esse ovo e quebrá-lo na porta principal da igreja da Sé de São Luís, que é para essa cidade se acabar e a capital ser na Praia dos Lençóis.

O pobre pescador ouviu tudo, mas disse-lhe que não tinha coragem. E, nesse mesmo instante, tudo clareou, e o homem desapareceu.

Noutra noite, o mesmo homem apareceu para outro pescador, fazendo-lhe a mesma proposta. E este aceitou e levou o tal ovo. Mas, antes de fazer o combinado, saiu pelas ruas dizendo que ia enriquecer, se embriagou e acabou sendo preso pela polícia. Assim nem conseguiu cumprir o combinado com o homem da praia, muito menos enriquecer.

SIGLAS

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

MIT - Magistério Indígena Tremembé

MITS - Magistério Indígena Tremembé Superior

UFC - Universidade Federal do Ceará

CREDE - Coordenação Regional de Desenvolvimento da Educação

EEFM - Escola de Ensino Fundamental e Médio

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SÍTIOS NA REDE

MONTEIRO, John. O índios na história do Brasil: informações, estudos, imagens. Em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/>> e <<http://www.indiosonline.org.br/novo>>.

VIDEOGRAFIA

RODRIGUES, Guaracy e OLIVEIRA JÚNIOR, Edmar, 1993: Resistência tremembé.

SOUSA, Ivo e PASSERINI, Marcos, 2001: As caravelas passam. Fortaleza.

SOUSA, Ivo e RATTIS, Alex, 1994: Torém. Fortaleza.

SOUSA, Ivo, 2000: Alma Fala. Fortaleza.

VARGAS, Tonio, 1998: Reso. Fortaleza.

BIBLIOGRAFIA

AIRES, Joubert Max Maranhão Piorsky. Imaginando a geografia e a cultura para os Tapebas. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará: terra da luz, terra dos índios*. Fortaleza: MPF, FUNAI, IPHAN, 2002.

BORGES, Jóina Freitas. *A história negada: em busca de novos caminhos*. Teresina: Fundapi, 2004.

----- . *Os senhores das dunas e os adventícios d'além mar: primeiros contatos, táticas, estratégias e negociações dos Tremembé na Costa Leste-Oeste (séculos XVI E XVII)*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

----- . *Sob os areais: arqueologia, história e memória*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

CABRAL, Ana Cristina. *Histórias Tremembé: Memórias dos Próprios Índios*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FÉLIX, Maria Joelma; JACINTO, Maria Lucélia; GUILHERME, José Robério. *O lagamar na vida dos Tremembé*. 2012. Monografia (licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. 2003 Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Educação/FACED/UFC, 2003.

GONDIM, Juliana Monteiro. *Não tem caminho que eu não ande*

e nem tem mal que eu não cure: narrativas e práticas rituais dos pajés Tremembé. 2010. Tese (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

JACINTO, Rita Félix; NASCIMENTO, Maria Gilsa do. História da educação diferenciada Tremembé. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LEITÃO, Marta Maria (Org.); SANTOS, Maria Andreína dos. *Histórias que os Tremembé contam*. Fortaleza: Secretaria da Educação; Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola; Célula de Aperfeiçoamento Pedagógico, 2007.

LIMA, Antonio Carlos de Sousa; BARRETO FILHO, Henyo Trindade (Org.). *Antropologia e identificação*: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

LINHARES, Ângela Bessa. *O pensamento criador ou narratividade enquanto ato criador*: processos criativos na crítica da cultura. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

LISBOA, Elardo Alves; FÉLIX, Manoel Apolinário. *O lugar do mangue na cultura Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MALAQUIAS, Sonha. *Síntese de princípios da escola nova*. Fortaleza: Gráfica da Universidade Federal do Ceará, 1970.

MARCIANO, João Evandro; SANTOS, Maria Aurineide dos; SANTOS, Raimundo Eudes dos. *O canto da educação Tremembé*. 2012. Monografia (licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MARÉS, Carlos Frederico. O direito envergonhado [...] In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

MARKUS, Cledes. *Identidade étnica e povos indígenas* Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2006.

MATIAS, Márcia Maria; JACINTO NETO, Raimundo Félix; SANTOS, Maria Ivonete dos. *Luta e resistência dos Tremembé da região da Mata pelo seu território*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MELATTI, Júlio César. De onde vieram os índios? In: MELATTI, Júlio César Melatti. *Índios no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1986. p. 5-18.

MESEDER, Marcos L. *Etnicidade e diálogo político: a emergência dos Tremembé*. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

MIRANDA, Janete Souza et al. *Medicina tradicional do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MONSENAT, Ruth Maria Fanini. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. *Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-CE originários da comunidade Tremembé de Almofala-CE: ramos de raízes indígenas em trânsito na cidade*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

----- *Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala: os índios da terra da santa de ouro*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

NASCIMENTO, Manuel Xavier; MIRANDA JÚNIOR, Francisco Cabral. *Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

NOVO, José Silva. Almofala dos Tremembés. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1976.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: _____ (Org.). *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

_____. *A viagem de volta: reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas no nordeste*. In: MUSEU NACIONAL (BRASIL). *Atlas das terras indígenas do Nordeste: Alagoas, Bahia (exceto sul), Ceara, Paraíba, Pernambuco, Sergipe*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1993.

_____. (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; Marco Zero, 1987.

_____. Uma etnografia das terras indígenas. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. *Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998. p.15-42.

OLIVEIRA, José Cordeiro. *Os índios no Siará: massacre e resistência*. Fortaleza: Hoje, 1989.

OLIVEIRA JÚNIOR., Gerson Augusto. Torém, brincadeira dos índios velhos. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará: terra da luz, terra dos índios*. Fortaleza: MPF; FUNAI; IPHAN, 2002, p. 113-131.

_____. *Torém: brincadeira dos índios velhos*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *A crise do indigenismo*. Campinas: Unicamp, 1988.

_____. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

OT [pseudo], 1997d: Segundo relatório do programa de formação de professores tremembé de Almofala - II Semestre/97. Fortaleza (digitado).

PALADINO, Mariana. *Educação Escolar indígena no Brasil contemporâneo: entre a “revitalização cultural” e a “desintegração do modo de ser tradicional”*. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PAULA, Eunice Dias. *Escola Tapirapé: processo de apropriação de educação escolar por uma sociedade Tupi*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Luciara, 1997.

POMPEU SOBRINHO, Thomás. Índios tremembés. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: Instituto do Ceará, v. 65, n. 65, p. 257-267, 1951.

----- Os tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckmam. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, v. 48, n. 48, 1934.

----- *Pré-História Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1955.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Educação Indígena Colonial: ironias de um projeto. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, v. 20, n. 35, 81-88, 1998.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras*, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Brasil indígena: 500 anos de resistência*. São Paulo: FTD, 2000.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. *Fronteiras Invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará*. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, SP, 1996. Mimeografado.

RIBEIRO, Berta G. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.

----- *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SANTOS, Claudevanda dos, Raimundo Henrique dos Santos. A pesca no mar de Almofala e no Rio Aracati Mirim: histórias dos pescadores Tremembé. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Getúlio dos et al. *Primeira letras na cultura Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Vicente dos; SANTOS, Luiz Henrique dos. *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. O lugar em rede dos índios Jenipapo-Kanindé do Ceará. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará: terra da luz, terra dos índios*. Fortaleza: MPF; FUNAI; IPHAN, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís. Donisete B. (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC; MARI; UNESCO, 1995.

SILVA, Aracy Lopes. Mitos e cosmologias indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998. p. 75-82.

SILVA, Evaldo Mendes da; SOUSA, Ivo; VIRGÍNIA, Karla (Org.). *A tradição por trás da criação: cartilha do povo Tremembé*. Fortaleza: SEDUC, 1998.

SILVA, Jacinta Santos; SANTOS, Maria das Graças Moura dos. *Dicumê Tremembé de antes e de hoje*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, Márcio Ferreira. A conquista da escola: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. *Em*

Aberto, Brasília, v.14, n. 63, jul./set. p.38-52, 1994.

SILVA, Rosa Helena Dias da. *A autonomia como valor e a articulação de possibilidades: um estudo do movimento dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, a partir dos seus Encontros anuais*. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

----- *Balço dos movimentos dos povos indígenas no Brasil e a questão educativa*. In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 21., 1999, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu: ANPED, set. 1999.

SIQUEIRA, Rita de Cássia; SANTOS, Sebastião Ovído dos. *Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Manguê Alto ontem e hoje*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUSA, Francisco Elisnaldo de; HOLANDA, Maria Aurilene de; SANTOS, Maria Piedade dos. *A fauna e a flora Tremembé da Região da Mata*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUSA LIMA, Antonio Carlos. Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da Proteção Fraternal no Brasil. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ; Marco Zero, 1987.

TAPEBA, Povo. *Memória viva do povo Tapeba: terra demarcada, vida garantida*. Caucaia/CE: SEDUC, 2000.

TAUKANE, Darlene Yaminalo. *Educação escolar entre os Kurâ-Baikairi*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1996.

THIOLLENT Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VALLE, Carlos Guilherme Otaviano. *Terra, tradição e etnicidade: os Tremembé do Ceará*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

VERÍSSIMO, Maria Elisa Zanella et al. *Diagnóstico ambiental e da qualidade de vida dos Tremembé de Almofala: Município de Itarema - CE*. Fortaleza: Departamentos de Geografia e Saúde Comunitária/UFC, 2000.

TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

imprensa.ufc@pradm.ufc.br